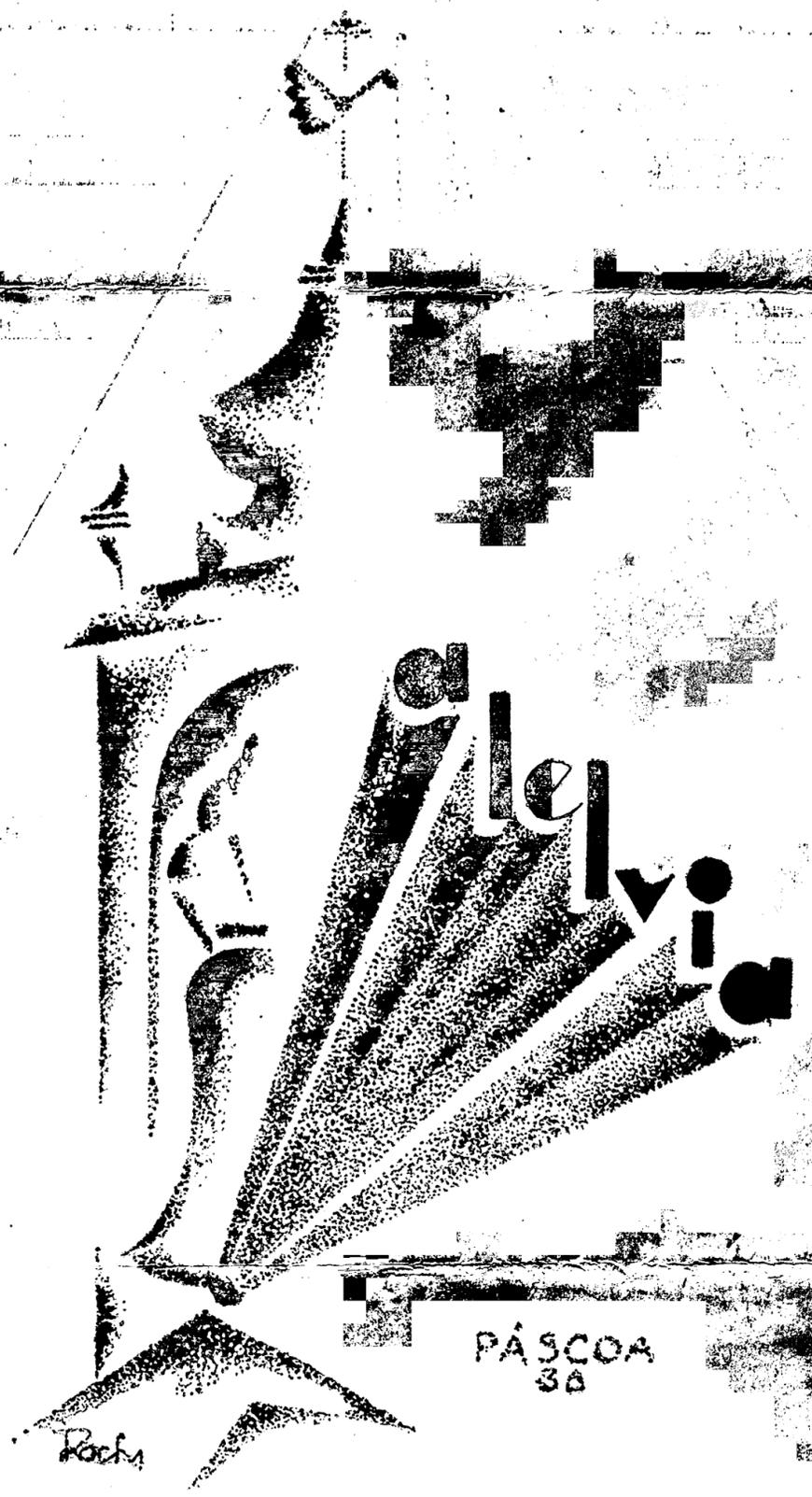


Departamento
de Falso

OLÍCIAS
DE

VINHAIS

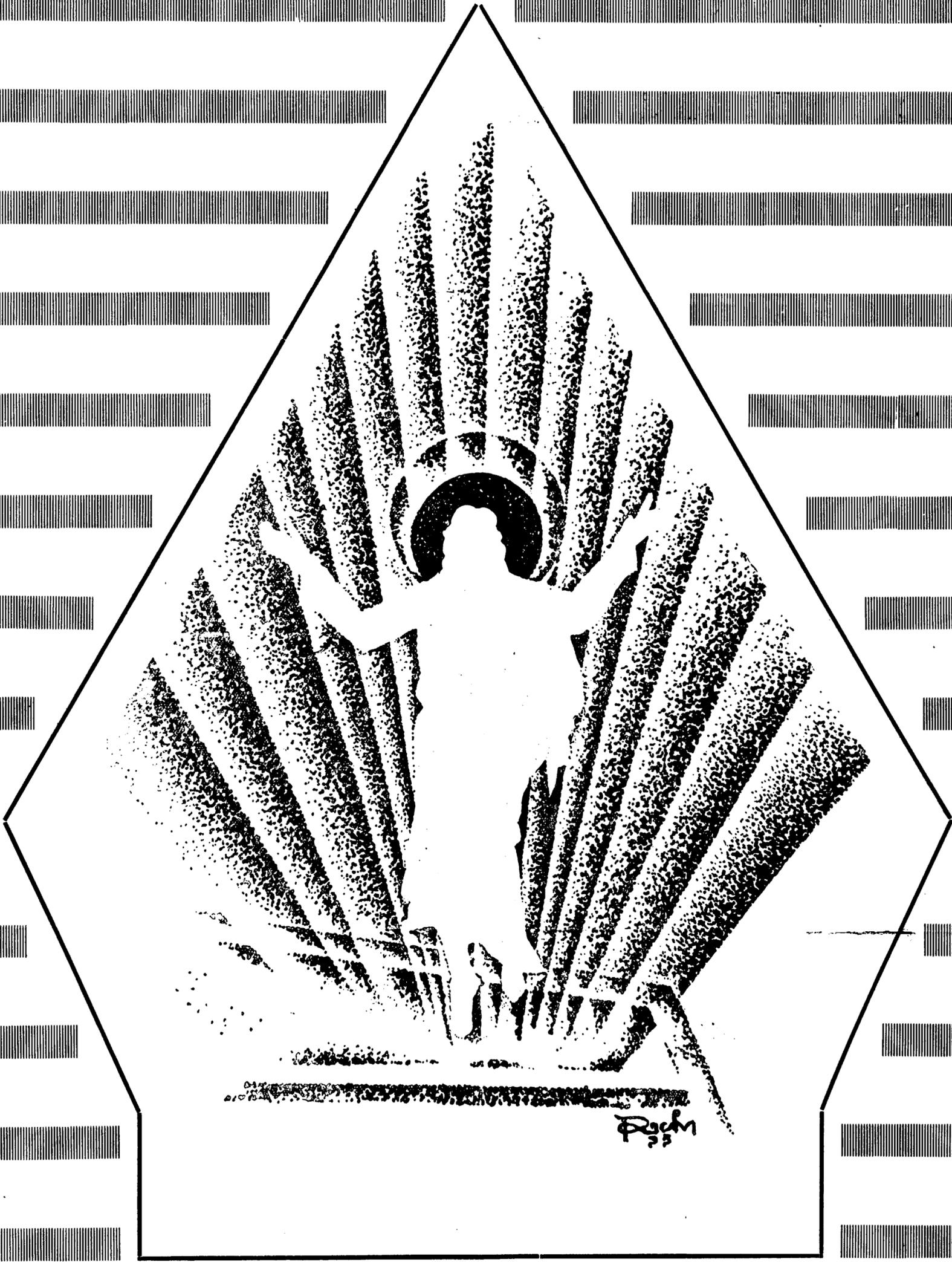


de
via

PÁSCOA
30

Rochs





Rich
33

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — Praça dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Cons. João Franco, 30. Composição e impressão: Tip. «Minerva», V. N. de Famalicao

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

PELA COMISSÃO DE CENSURA
VISADO

Malucos ou iludidos? ...

CELEBRA-SE hoje uma das mais gloriosas e estupendas datas dos annos da cristandade. Em volta desse prodigioso facto têm-se semeado as mais dissolventes teorias e tecido as mais aleivosas afirmações. Mas a verdade é esta. Se a história profana regista em suas brilhantes páginas e esculpiu no mármore dos seus monumentos as heróicas façanhas dos lusitanos guerreiros, o cristianismo apresentá-nos nas suas décadas as provas mais inconcussas e frisantes da autenticidade da sua origem.

A humanidade, trajando hoje as suas mais garridas galas, está em festa para solenizar o facto de que vamos falar, sem nos preocupar que agradem ou não as nossas palavras, visto o encarmos sob o seu aspecto de religiosidade.

E procedendo assim, não queremos estadear literatices, move-nos apenas o grato desejo de anuir ao amável convite que nos foi feito. Eis o que nos apraz declarar segundo o plenissimo direito que nos assiste. Ligeiros seremos, pois, e de molde a não enfadar os indiferentes, mas a desanuviá-los da dúvida da qual nasce o desalento que lhes punge a alma. Qui emos fugir á rotina costumada, em artigos desta ordem, e, aproveitando o ensejo, dizer alguma cousa de utilidade.

Vamos, portanto ao que importa.

Espalhada no mundo, com mão pródiga, a semente fecunda de uma nova doutrina, era chegado o momento solene da demonstração inequívoca da transcendência da sua origem. Pretendeu-se expungir-la do seio da humanidade, hasteando para isso uma ignominiosa Cruz no alto de um Calvário. Mas decorridos três dias, após o cruento sacrifício de um Inocente, esse outrora padrão de afrontas e símbolo infamante dos justicados transforma-se, para nós, num eloquente livro de ensinamentos sublimes, claramente manifestados nas últimas palavras pronunciadas pelo padecente a favor dos seus algozes que o matavam.

Aquele Homem extraordinário, que regava com o seu sangue generoso as traves da Cruz, havia sido, depois de morto, de posto no fundo de um sepulcro herméticamente fechado com selos de metal, para que o não violassem e depois dissessem que ressuscitava. Mas o facto dá-se e a notícia de tam grande nova corre célere, difunde-se e espalha-se por toda a parte, através da Judeia.

Os soldados, que guardavam atentamente a jazida, constatao o sucedido porque a mortalha em que foi envolto bem como as ligaduras com que lhe embalsamaram o cadáver, lá ficaram como um testemunho irrefutável contra a falsidade e afronta daqueles que o alcunhavam de impostor. Os escribas e os fariseus, reunidos em assemblea magna, procuraram debalde todos os meios de o evitar, mas a Boa Nova corre todo o mundo.

Esta ressurreição foi a cúpula majestosa com que o Homem-Deus quis coroar o edificio da sua obra, foi o penhor com que determinou autenticar a sua doutrina.

Se este facto não se realizasse, nem a sua obra nem a sua doutrina teriam alicerces para resistir a embates tam violentos como os que têm suportado há mais de 19 séculos da parte daqueles que sómente pretendem inutilizar-lhe a sublimidade das suas conseqüências.

E' evidente que realizado tal fim, todo o edificio em que baseamos a nossa crença seria

por toda a parte, e a Cruz — aquele tóso madeiro que foi arvorado entre as fragas do Gólgota — continua a estimular o amor da Pátria, com o denodo dos seus guerreiros e a constância dos seus mártires, continua a radicar na alma os sentimentos da fé que sublima a virtude do crente e inflama a caridade dos apóstolos.

Sim. Nem os filósofos com os seus transcendentales sistemas, nem os sábios com as cintilantes fulgurações do seu génio, nem os séculos com os ouropéis dos seus progressos, nem os políticos com os arrojados das suas afirmações podem, puderam e poderão jamais realizar seus intentos.

Portanto a doutrina que esse Ente prégou e pela qual se su-

tentáculos da maravilhosa obra da regeneração social e do regate da Humanidade. Por isso todos, nas duas épocas em que se alude a estes factos, se esmeram em os festejar e comemorar com solenidade e alegria. O Natal e a Páscoa, rememorando o grande sacrificio da Redenção, são a pedra angular que sustenta a nossa autonomia espiritual. Cristo, vindo operar uma transformação radical no mundo, triunfou dos seus inimigos por meio da ressurreição e para todos os oprimidos surgiu então uma nova aurora. Ainda que haja quem demande os máximos esforços para acabar com a nossa crença no maravilhoso e único êxito de tam grandioso successo, a festa da Páscoa perdura em todos os povos, não obstante as transformações porque o mundo tem passado e as



O FOLAR — Quadro de Roquemont

destruído. Porém, não obstante as dez perseguições dos poderosos imperadores da devassa Roma, as afirmações de Kant, Hegel e de Strauss, Rousseau, Diderot, Renan e Voltaire, as impias arremetidas de todos enciclopedistas, as veledades de Lutero e todas as sangrentas perseguições até hoje movidas contra esta religião, jamais a crença se extinguiu do coração da humanidade.

Assim é, assim tem sido e assim será sempre. Todos os golpes vibrados contra esta gigantesca árvore, embora lhe decepem alguns ramos, não a fazem, contudo, secar, dão-lhe, pelo contrário, mais vigor, fazendo-a desabrochar, com mais seiva, novos e mais frondosos ramos.

O erro não pode vencer a verdade, o mal não pode subjugar o bem, a descrença não pode extinguir a fé, a imoralidade não pode vencer a virtude, o que é humano não pode destruir o que é divino, Lucifer não pode aniquillar Deus. E tanto assim que a despeito das mais titânicas lutas e porfiados esforços, os adversários ainda não conseguiram a vitória. As tempestades desencadeiam-se furibundas, a hidra do mal levanta a cabeça e destila mortífera peçonha, mas, decorridos tempos, esbraveja e estrebucha impotente. As tormentas sucedem-se cada vez mais satânicas, a descrença esvurma a corrupção e o erro, como uma lava encandescente

jeitou à morte não pode ser um embuste, não pode ser uma mentira. Se a ressurreição não fôsse um acto verdadeiro tínhamos de admitir que a maioria da humanidade é constituída por loucos ou mentecaptos.

Se Cristo era um impostor, todos os que presenciaram os estupendos factos com que Ele autenticava a sua doutrina, seriam uns iludidos, uns ingénuos, uns imbecis ou uma súcia de demetados e visionários?...

Não foi assim, não o podia ser. A sua ressurreição o confirma exuberantemente. Sem ella a fé não se teria propagada, a bem dita seara semeada por Cristo não teria crescido e dela não se colheria o pão espiritual que alimenta a Humanidade.

Se tal facto é falso, para que tanta insistência em o negar? Para que tantas lutas e tantas afrontas, tantos desmandos e tanta persistência para expungir do seio da sociedade semelhante erro admitido por tantos milhares de adeptos?

Metei a mão na consciência e dizei-me se eu e nós, que me lêjes, seremos todos parvos porque acreditamos num facto tam prodigioso? Seremos todos uns malucos, uns iludidos ou destituídos de raciocínio festejando, com satisfação e entusiasmo, um facto que não é verdadeiro? A nossa razão não pode admitir tal hipótese.

Repugna-lhe descer tam baixo. O nascimento e a ressurreição de Cristo são os poderosos sus-

tenazes tentativas feitas para descristianizar os povos.

Porventura Portugal será constituído, na sua maioria, por malucos, idiotas e iludidos por adoptar, no seu brasão ou armas, as chagas de Cristo, e apresentar nas antigas caravelas, na espada dos seus heróis e nas condecorações, que lhes esmaltam o peito, a Cruz, insignia da Redenção humana?...

Decididamente Portugal e muitíssimas outras nações estão muito atrasadas em civilização, pois ainda não baniram do seu seio tam deslavada e evidente falsidade, a despeito do poder das suas metralhadoras e dos progressos das suas ciências em matar gente!

¿Como se explica logicamente uma tal incongruência?

Serão mais atilados os povos do México, da Rússia, da Espanha e de outras nações que nada mais fazem do que trucidar católicos e incendiar igrejas, com o fim de impor aos outros a sua maneira muito especial de pensar?

Bem dita mentira que tem sido acreditada por tantos milhões de pessoas! E bonda!!!

Mas para terminar melhor diremos com o erudito escritor Gomes Monteiro (1):

*Aléluia! Jesus ressuscitou!
Hossana pelo Justo, Sábio e Forte
Que mojestoso e audaz, se libertou
Das algemas fatais da própria morte!*

P.º ALBERTO GONÇALVES.

(1) No seu livro: *As mulheres que amaram Jesus*, pág. 103.

PASCOA ABENÇOADA

*Até a brisa tem fragâncias mais purinhas!
No vasto azul do céu chilream andorinhas
E o dia que desponta, ao repicar dos sinos,
E ao forte estralar de vivas e foguetes,
E' uma fanfarrá de hinos
A vibrar entre flor's e rubros galhardetes!*

*E' o dia mais formoso
Do ano inteiro
O Domingo de Páscoa!
O sol contente e radioso
Oscula a terra,
Polvilha-a de oiro
E traz a alegria á face da tristeza!*

*Da campina ao valado e do valado á serra,
Em toda a redondeza,
Nas cidades, nas vilas, nas aldeias,
Há lírios a mãos cheias,
Mentras os odorantes,
Sorrisos de moçoilas,
Cantigas, á viola, de rapazes!
Há bocas que se beijam delirantes,
Essências perturbantes
De glicínias lilazes!
Evohé! evohé! E' Pan, entusiasmado,
E forte de beleza,
A abençoar a terra, lado a lado,
A grande Natureza!*

*Como é lindo o Compasso! E que doçura
A visita pascal do bom Jesus!
Vai o homem da cesta, o senhor Cura,
E vai a caldeirinha, açada a cruz!*

*Entram na grande sala. Que alegria!
Todo o povo ajoelha com fervor!
Hissope de água-benta: — Aleluia!
Dão a beijar os pés do Redemptor!*

*Depois da cerimónia, o pão de ló,
Uma pinga de truz, de bom verdasco!
Aquilo é pimba! pimba! olé, sem dó!
Que êe, louvado Deus, tem mais o casco!*

*Alfim debanda tudo em harmonia,
Retinem campainhas na estrada...
Ouve-se a voz do Cura: — Aleluia!
E' a Pascoa do amor, abençoada!*

Abril de 1936

DELFIN DE GUIMARÃIS.

Num sábado de Aleluia

O dia mantivera-se chuvoso e triste. Ao tombar da tarde, porém, a iluminação da cidade dissipou, em parte, com a sua *férie*, a taciturnidade plúmbea dessa Aleluia sem Sol! Nas ruas movimentadas, cruzavam comigo pessoas em quem eram bem visíveis os sintomas da satisfação. Pendentes das mãos, algumas levavam embrulhos que, pela delicadeza da embalagem, deixavam adivinhar o seu conteúdo. Eram *folares* — os tradicionais *folares* da Páscoa, com que os pais afortunados costumam brindar os filhos nesta época festiva!

Junto a uma montra — a uma dessas montras que parecem ter sido feitas para afrontar a desventura da pobreza — onde parei, atraído pela intensidade da luz e pela variedade dos artigos expostos, estava, como que pregada ao solo, uma criança que devia andar à roda dos 6 anos. Seus lábios, descorados e setinosos, pareciam estar colados ao vidro. Seus péritos espalhados a nós, e pelos buracos do barrete que lhe cobria a cabeça, espreitavam os anéis de um cabelito louro e mal cuidado. Numa das mãos segurava uma garrafa contendo uma pequena porção de azeite, e com a outra tamborilava no vidro — obstáculo intransponível de seus inocentes desejos. Seus olhitos vivos, mas tristes, estavam cra-

vados em determinado ponto da montra. E, era tal o seu embevecimento, que não dera sequer pela minha presença, parecendo estar esquecida de si mesma. Vendo-a naquele êxtase, comecei de ter interese em saber o que ela ambicionava daquele arsenal de tentações. Não o consegui, porém, sem lhe perguntar. Toquei-lhe, para isso, levemente num ombro e ela estremeceu, fitou-me em sobressalto. Perguntei-lhe então o que ali fazia. Embaraçadamente respondeu-me: estou a ver aquilo! — e apontou com a mãozinha.

Aquilo, era um pequeno sacco de papel transparente, tendo impressa a figura minúscula de um coelho, e contendo amêndoas e *bombons* com envolveros de variadas cores.

— E tu queres aquilo? — perguntei. Fixando-me, riu tristemente num ombro e não respondeu. A minha pergunta, pela emoção que lhe causara, pareceu paralisar-lhe a voz!

— Queres? — insisti. Então, mais serena, com lampejos de contentamento e desconfiança no olhar, respondeu-me afirmativamente.

Impressionado por aquele desejo sincero e insignificante do pequenito, entrei no estabelecimento e referi ao empregado o que pretendia, impondo-lhe, porém, a condição de me vender o

(Continua na 4.ª página).

Páscoa da Ressurreição

EMBORE os Homens sejam turbulentos;

Embora o seu Coração vagueie, agitado como um ninho de feras, por ínvias partes de Ideal, de Amor e de Doutrina;

Embora o seu Pensamento seja mais bem formado do que uma aura de Deus, ou menos alevantado e lúcido do que uma estêla, em que fique parado o seu olhar, atormentado de Infinito;

Embora a afirmação de todas as certezas morais e metafísicas lhes formem o substracto da sua Felicidade, ou o estrinçar da dúvida lhes cõe no coração e na vontade os filtros quasi borgianos da tibieza e do Desespêro;

Embora os Homens sejam maus, existe no fundo das suas almas a irresistível sedução do Bem.

Da interpretação moral dos actos humanos vem para a Humanidade a única luz de Deus, que a inteligência pode captar, sem o recurso dos grandes raciocínios, sem a busca das causas e dos efeitos, cuja fôrça, em lógica e em sistema, passa à nossa volta tantas vezes, sem nem sequer fazer despertar a nossa indiferença de cada dia.

Desde as inspirações de Ormusd e Ariman, em quasi semelhança com a interpretação maniqueística do Bem e do Mal, até à concepção bramânica dos actos indifferentes, que longa teoria de aspirações divinas, que espraído mar de crenças, revelações e revoltas!

Mas quantos desvios de alma, quantas fugas de Ideal, arrebataadas e quimerescas!

Todo o material progresso, que nos cerca e embala, na moderna sinfonia do aço e das fôrças cósmicas, não deixou, por demonstração de Bergson, outra cousa no fundo da nossa vida, pgressivamente mais recessa, do que um extraordinário *deficit* de alma.

E a concepção sexual da mesma vida, segundo Freud, não é senão o engano dum segundo, em que queremos pender a eternidade toda...

Deixemos aos falsos profetas da filosofia o vaguear estonteado e louco, por sôbre as muralhas duma Jerusalém, que se não converte!...

E levemos à Vida um sentido mais alto e mais perfeito, que a transfigure na mansa e suave quietude duma Páscoa de Ressurreição.

Também o Cristo desejou ardentemente celebrar com os discípulos a sua última Páscoa. E, para os confirmar na Doutrina, deu-lhes um alimento de Vida, que os reanimou para todos os sacrificios, para todas as dúvidas, para todos os apostolados...

Não vamos buscar aos muitos o que eles jamais poderão dar. Da lenda e da tradição pode vir um simulacro de verdade, mas nunca o seu esplendor.

A busca da Verdade não se realiza nas praças públicas, aí, nesse lugar onde se acumula o pó doirado e luminoso dos triunfos humanos à mistura com as pétalas mortas das nabábicas pompas funerárias...

Havemos de conhecê-la, subindo ao mais alto do nosso isolamento social e aí, a sós com a nossa alma, interrogar a Deus e ao Destino.

Eles no-la farão conhecer. Como emanção da nossa vida interior, e lá virá tornar mais clarividente o nosso olhar, mais firmes os passos do nosso Caminho.

E o caminho, a Verdade e a Vida são a ansiedade multi-secular duma reclamação de crenças adustas, que nos perseguem em todas as religiões,

em todos os cultos, em todos os assombros!

A Páscoa da Ressurreição é a cúspide dum dos mais altos ideais humanos. Não fôra ela e faltaria ao génio de S. Paulo o esplendor da Verdade, que o prosta no caminho de Damasco, mas que lhe dá a veemência e o pensamento para o discurso do areópago de Atenas.

Um outro, dos maiores génios do Cristianismo, Agostinho de Hipona, incluía êsse discurso no número das três coisas, que mais ardentemente desejava ter ouvido e ter visto.

Esse discurso é, só por si, a obra prima de toda a civilização oriental.

O Deus desconhecido, que S. Paulo ia levar a Atenas, ao seu areópago, que era a sua inteligência, a legislação e a moral do Mundo Antigo, já com revêrberos de Imortalidade vindos das luzes quasi percursoras de Sócrates e Platão, era o Deus da Ressurreição, aquele que trouxe à Vida a vida para além dela, a sobrevivência dos actos humanos e do seu Mérito.

Era o Deus que à civilização dos Homens dava o novo sentido da Perfeição e da ansiedade eternas.

Toda a civilização oriental, com a sua arte de estetas assombrosos, quasi puros e imaneses espíritos, atormentados pela Forma, com suas teogonias em que a Razão se perdia, divinizados os sentidos, essa civilização, que jamais passará, enquanto não passar o mundo, recebera da Ressurreição a confirmação dum Ideal, que procurou sem nunca ter atingido.

Era o Ideal duma finalidade no Tempo e no Espaço, que apenas pode ser completado na eternidade e no Infinito.

Era o ideal imortal de Deus na sua Ressurreição humana!

Uma noite imensa, em trevas e profundidade, cai sôbre os corações em pedaços repartidos, refluindo para a vida em negridões de Além, que se espessam, mais e mais, como um estrangulamento de Alma.

A vida é um sinónimo de anseio, sem correspondência em nada de imutável.

A Ressurreição das almas para o Bem, para o Belo e para a verdade tem de ser um movimento espiritual, sob influxos de Deus.

E embora o nosso coração tenha, na frase de Bourget, razões que a Razão não conhece é por êle e por elas que temos o direito de viver, segundo a nossa alma.

Fala-se no primado do Espírito.

Mas, para que êle torne a ser o Verbo inicial do Mundo, preparemos a nossa alma para a sua Ressurreição, depois da sua Paixão e Morte...

Seja o Cristo a companhia do nosso coração e da nossa Alma, êle o nosso Irmão e Mestre.

E embora os Homens sejam turbulentos;

Embora o seu coração se aperte em círculos dantescos de inimagináveis tormentas e revoltas;

O Bem voltará como a Aleluia, como a Páscoa da nossa Ressurreição!

PINTO DE ALMEIDA.

BAR de S. Torcato

Prima pela qualidade dos Vinhos Verdes da Região — Tintos e Brancos — encarregando-se também da execução esmerada dos bons e apetitosos petiscos, tudo a preços razoáveis.

O seu proprietário agradece a visita ao Bar de S. Torcato de todos os seus amigos.

Armando Ribeiro Pinheiro.

SONHO DESFEITO

(Ao João Neto).

Ai, há quantos anos
A Guerra terminou!
Essa guerra brutal,
Maldita,
Que só trouxe desenganos
Em vez de reflectir lindas esp'ranças
— Ideário de infinita fantasia!

A' luz refulgente,
Esplendorosa,
A' luz cheia de fulgor que alumia,
A cúpula sideral
E' um lago dormente,
Em cujo espelho se vê luzir,
Fendendo os ares,
Com suas asas esguias,
A simbólica
E branca
Pomba da Paz.

Trazendo à lembrança
O sabor
Dos contos orientais,
Alfim
Vejo-a subir altaneira aos céus,
Voando sempre
E muito,
No desejo de atingir
O Sol atraente
Que rutila, vermelho e incandescente,
Qual rubim
Da mais fina contextura.

E voou,
Voou sempre,
A louca e ambiciosa!...

E quanto mais espaço ela vencia,
A rarefacção do ar
Tornava-a mais cansada,
E a fôrça se lhe esvaía,
Já batendo mal,
Com lassidão,
As suas asas esguias.

De repente,
O Sol desaparecera
Na linha do horizonte.
Subiu a noite
Na luz silenciosa e pura do luar.

A Pomba voava ainda...

Num momento,
Pela sombra envolvida,
Em novelo se dobou,
E cambalhotando,
Rolando,
Vertiginosamente,
A meus pés vem cair.

Na terra sombria e negra,
Um brouhaha
Estrondeador
Se ergue em levante!...

A Guerra talvez...

Morta,
Exangue,
A simbólica
E branca
Pomba da Paz,
Não é, não,
A Fenix
Que ressuscite
Das suas próprias cinzas.

1936.

L. COELHO.

Num sábado de Aleluia

(Continuação da 1.ª página)

saco cobigado. Acedeu. Da parte de dentro da montra fitei o *mitido* que parecia duvidar da minha generosidade, mas notei que os seus olhos estavam perlados de lágrimas de satisfação.

Paga a importância daquele tesouro, fui entregá-lo ao pequenito que dir-se-ia não acreditar ainda no que estava vendo. Porém, tomando-o avidamente às mãos, partiu em louca correria, sem proferir palavra. Vendo-o assim correr, vislumbrei uma tragédia. E não me enganara: já distante de mim, êle foi estatelar-se na calçada, quebrando a garrafa que continha o azeite — azeite que, quem sabe!, talvez fôsse adquirido com os últimos tostões existentes no pobre lar, onde a mãe, ansiosa, o esperava...

Perante este caso — caso a que bem pode chamar-se um drama — assim raciocinei: as montras — essas montras de tentação — quantos desejos suscitam e quantas decepções geram naqueles que nasceram e são condenados a viver sob o signo do infortúnio e da pobreza!...

Páscoa de 1936.

J. GUALBERTO DE FREITAS.

Canção ao triste luar

Alegrias sem tristeza
Quem as pode conceber?!...
Se jámais deixou de as ter
A própria Natureza,
Até num lindo alvorcer!...

Oh! minh'alma que andas triste
E suspensa, a voejar,
Cheia de triste luar,
Luar que neste mundo existe
Para nos apaixonar!

Coração cheio de um sol
Qu'ilumina noite e dia,
Sol de amor e de harmonia!...
Tenho em meu peito um crisol
De tristeza e de alegria!...

Alma suspensa, encantada,
Em noite de lindas'streelas
E cheia de imagens belas!...
Alma triste e alanceada,
Navegando em mil procelas!

Coração cheio de luar
Em noite de triste b'leza!...
Como é linda a Natureza
Quando ela nos vem falar
Em nossa amarga tristeza!...

Porto, 1936

FREITAS SOARES.

EDREDONS

Acabam de chegar, para serem vendidos a prestações semanais com bónus.

Visite a Casa das Gravatas.

Domingo de Páscoa

A Páscoa, — com o simbolismo que a lenda cristã lhe empresta numa delicada imagem de amor e ternura, — é, de todas as festas religiosas do ano, a mais singela, a mais pura, a mais impressionante.

Dentre os arrebuques com que a tradição a enfeita, — desde o ritual festivo da aldeia, com toda a sua beleza, com toda a sua simplicidade, à cerimónia da Igreja, desde o seu sabor místico que encerra num conjunto agradável e harmonioso à hossana gloriosa da Aleluia, — a Páscoa reúne em si, numa toada de fé, o hino sublime e humano pela ressurreição de Cristo.

E' na aldeia, — onde a tradição segue, sempre, o mesmo ritmo, sem se afastar dos preceitos regidos pela história da Bíblia, — que a Festa da Páscoa atinge um brilhantismo invulgar, mercê da feição quasi aparatosa com que se rodeia a procissão pascal que visita os lares.

Eu assistí, há anos, numa aldeia, — durante uma viagem de estudo pelo Minho, — à comemoração da Páscoa, e não me é possível esquecer o pitoresco dêsse dia festivo que reina em todas as casas e na alma do povo.

... Foi num dia quente de Primavera, com um sol brilhante a doirar alegremente a Natureza.

A aldeia vestia galas. Logo pela manhã, mal o sol despontava na aurora os seus primeiros raios côr de sangue, já se iniciavam os preparativos para a visita pontual do senhor abade.

A casa, acostumada à desordem, indifferente à limpeza, virgem duma aragem fresca que só corre nos campos, — sofreu a primeira grande operação radical, oferecendo um aspecto decente e limpo, dentro a ordem interior, os prodígios da vassoura e dum pano que fez o milagre de sacudir o pó dos móveis, dentro o ar puro que se pode respirar, agora, com as janelas abertas, de par em par...

A sala que vai receber a visita pascal, foi engrinaldada com flores. Ao centro, uma mesa coberta por uma toalha branca, de jaspe, onde se amontoam os mais variados doces, vinho do Pôrto, o indispensável Pão de Ló, — tudo a tentar a gulodice dos rapa-

zes e das raparigas que saltam, alegres e satisfeitos, em redor daquele mundo de sonho que os seus olhos ambicionam com desejo.

Habituada à porcaria, nunca sentindo a salutar operação de lavar a cara — nem o corpo, — a pequenada sofreu, também, nesse dia, o rigor duma ensaboada, que só daí a um ano se voltará a repetir.

Há um bafeiro lavado para vestir ao Tonio e uma blusa nova para a Micas. Há um fato preto para o filho do lavrador e umas chinelas compradas na última feira para a filha da Ti'Zefa.

Eu vi toda esta cenografia de mágica, — completada pelos verdes dispersos à entrada da porta, aromáticos, frescos, perfumando o ar puro que se respira, — e senti uma emoção estranha de agradável prazer que me animou e me dispôs bem.

O senhor abade, acompanhado pelo seu mordomo e por diversas individualidades de destaque, vem, depois da missa, fazer a peregrinação, abençoando os lares que se abrem à sua chegada. O momento é emocionante. Todos os presentes se ajoelham, fervorosamente, em semi-círculo, enquanto o padre, risonho e còrado, vai espargindo a água-benta que o sacristão lhe dá no hissope, exclamando:

— Aleluia!... Aleluia!...

Depois, o sacristão, sorratamente, vai recolhendo o óbulo destinado ao senhor abade, ao passo que êste, entre um gracejo e um conselho, bebe um cálice de Pôrto e trinca um doce enfeitado que lhe oferecem.

E a caravana parte, de novo, ao som duma campainha que um rapazote vai badalando, a anunciar o cortejo...

Fica no ar o perfume dos verdes e na alma do povo a mais grata recordação.

A Páscoa minhota, — a Páscoa das aldeias do norte, singela, pura, impressionante, com o simbolismo que a lenda cristã lhe empresta numa imagem de amor e ternura, — é de todas as festas religiosas do ano a única que desperta no sentimento do povo uma alegria sã, imaculada, que é, ao mesmo tempo, uma saúde...

RUY DE LUCENA.

ALELUIA MARICAS

Bons tempos aqueles, de menino e môço, em que o toque de Aleluia ecoava na nossa alma, aquecida com um sol novo de primavera, gritante de alegria como as campainhas dos rapazes que anunciam a aproximação do compasso.

Passada a semana santa, em que o espírito concentrava e vivia os mistérios da Paixão, o sábado de aleluia era o raiar de uma nova aurora em que os Judas impiedosos e maus, abarrotados de palha e berrantes nos seus vestuários de papel de seda, estoiravam, na sua traição que os 30 dinheiros, escaldantes como brasas vivas, conseguiram comprar.

O sol, depois, abria no horizonte mais radioso e belo, afugentando para longe as brumas cerradas que se acumulavam no inverno. Era a primavera florida e perfumada, com o chilrear dos passaritos nos ramos tenros e coloridos das árvores. Era o coração batendo em unísono, vivendo a alegria bulhosa da mocidade, livre de preocupações, de canseiras, de cuidados.

Como era bela a Aleluia nesses tempos distantes e radiosos! Ainda agora o

Maricas, meu coração,
Passa os dias na ribeira,
Os dias? Os dias, não,
Passa lá a vida inteira.

Que faz então a Maricas
A' beira d'água corrente,
A' beira d'água a Maricas?
Não verseja, certamente?...

Não verseja. O meu amor
Não sabe ler nas estrelas.
Conhece muitas de cor,
Mas só lobriga a luz delas...

Que faz então a Maricas
A' beira d'água corrente,
A' beira d'água a Maricas?
Pescar peixes, certamente?...

Não... E' que a flor das Marias
E' há muito lavadeira.
Por isso lá passa os dias,
Por lá passa a vida inteira...

Abril de 1933.

MANUEL AYRES.

bimbalhar festivo dos sinos alegre e aquece a nossa alma.

E' que a festa da Páscoa é, como a do Natal, uma festa essencialmente cristã. O nosso espírito vive, nesses dias, o triunfo da Luz sôbre as Trevas, a Alma pairando muito acima das misérias terrenas e subindo, subindo, numa assunção gloriosa, até Deus.

1936.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

O PRESENTE

Como o tempo passa, e como com ele mudam os destinos!

Alice e eu tínhamos sido amigas desde o berço — bem que não tivéssemos grandes afinidades de carácter.

Ela tinha, por vezes, fantasias incompreensíveis, caprichos deveras estranhos que mantinha a todo o transe, mesmo que tivesse de abafar os impulsos do seu bom coração.

Não contando essas ocasiões, nós éramos boas camaradas, e por isso, foi com alegria que, após quatro anos de separação, a voltei a ver.

Mais velha alguns anos, casara muito primeiro, e como se ausentara da terra onde nascemos, não mais a tinha avistado.

Mais tarde, por minha vez, impelida pelo mesmo destino que a levava, fui também parar à mesma terra, mas não sabia sequer a sua morada.

Há dias, após a chuva que tam persistentemente nos tem flagelado, surgiu um dia de sol luminoso e lindo que fez vir quasi toda a gente para a rua, e eu não constei uma excepção à regra.

Deliciada, seguia rua em fora, quando, em direcção contrária, me surge elegantíssima e deslumbrante, uma Alice que em nada differia da que deixara há anos, e a quem somente um bom observador descobriria um ar mais pensativo e grave.

Foi grande a nossa alegria ao abraçar nos, mas apesar da nossa natural efusão, notei logo com espanto que um rapaziño, que me pareceu crescido demais para seu filho, a acompanhava.

Ao despedir-me, inquiri: — Porventura, já é teu esse menino?

Com um sorriso, que me pareceu emocionado, respondeu: — Não; depois te contarei. Vem tomar chá comigo um dia, e conversaremos. Mesmo, é preciso que reatemos o fio partido da nossa interrompida amizade.

Fui. Esperava-me no mirante, e foi quem me abriu o portão gradeado do seu magnífico jardim. A casa estava quasi que escondida pelo arvoredor, e para lá nos dirigimos depois de nos abraçarmos, saudosamente, pois cada uma de nós via na outra um pedaço do seu passado.

Junto do lago vi de novo o pequenito que corria acompanhado por um belo Terra Nova. A' passagem, ela recomendou: Estevão, não te aproximes muito do lago, e não faças travessuras. Eu vou com esta senhora lá para cima. — Vai sossegada, Mãizinha, disse a criança.

Confesso que aquele pequenito, que não era seu filho, se chamava Estevão como seu marido, e que lhe chamava Mãizinha, me estava aguçando a curiosidade...

Subimos a escadaria elegante, onde dois vultos de mulher belamente esculpados seguravam candelabros de bronze com globos eléctricos, e dirigimo-nos, através de várias salas, para o salãozinho acolhedor onde fazia a sua sala de estar. Sentamo-nos. A conversa foi variada, e os nossos tempos de meninas recordados com saudade. — Depois, disse-lhe em poucas palavras a minha vida, e por sua vez ela falou-me de si.

— Alice casara, como eu bem sabia, com um rapaz distinto e rico, e médico de talento, segundo ouvia dizer. O seu casamento foi um pouco de amor, e muito de interesse, pois Alice teve sempre da vida uma con-

cepção muito sua. Ouvira falar mais tarde em dissidências no seu lar, mas não era o que eu hoje via, pois encontrava-lhe um desses ares de ventura que não mentem.

Ouvi depois as suas confidências. Falou-me da sua viagem através de vários países, e teve palavras vibrantes recordando obras de arte que a emocionaram. — Decididamente, esta não era bem a fria Alice que eu conhecera! Comecei até a acreditar que a Galaté com a sua lendária história, podia ter existido! — Depois, falou-me da sua instalação em terras de Portugal.

— Em suma, és feliz, acrescentei eu. — Sou. Mas olha, a ti posso dizê-lo, os meus primeiros tempos foram difíceis, pois surgiram dissidências. Não o sabias? — Encolhi os ombros, evasivamente.

— Eu, ao casar, continuou, não levava a dedicação cega que têm a maior parte das raparigas que se casam, e Estevão, parecendo-me não o ter notado, vi depois que o sabia melhor que ninguém, pois encontrou arte de se servir de todo o seu encanto, para me levar a amá-lo até ao delírio.

Toda a medalha tem o seu reverso; passei, então, a ser de um ciúme que hoje só posso alcunhar de ridículo, por ser sem fundamento.

Quis, porém, o destino, que um dia lhe caísse de um bolso uma carta que me levou ao cúmulo do desespero.

Era de uma mulher, que se dizia estava morrendo, e que o chamava para lhe entregar um filhinho; emfim, um triste epilogo de uma aventura de solteiro.

Caí do mais alto da minha torre de marfim, pois tivera a loucura de nunca supor que Estevão de Galtar — o homem da moda em toda a parte — pudesse ter tido um passado intenso.

— Fiz-lhe uma cena de cuja violência ainda hoje estremeço.

— E éle? — Ele teve nessa hora um violento castigo: amava-me e afligiu-se, tanto mais que receu que o não amasse ainda o bastante para lhe perdoar essa falta, mesmo cometida quando me não conhecia.

Acusou-se contudo, rudemente, de ma ter deixado ignorar, mas não o ousara ainda, pois queria acabar de me conquistar, pensava.

Não o acreditei, e recaindo que me iludisse, afirmando que ela morria, disse-lhe: — Irei ver essa mulher.

Pedi-me por tudo que não fôsse, mas, com a obstinação que me conheceste, disse-lhe: — E' inútil! Irei!...

— E foste? — Sim. Consegui fugir-lhe. Mais umas cenas violentas, e dirigime-me para casa dessa criatura, e numa excitação que nem sei contar-te... E logo num dia, calcula, que devia ser para nós duplamente de paz e de alegria: era o dia de Páscoa, o dia dos seus anos!

Quando lá cheguei saía um sacerdote. — Está, então, a morrer? — perguntei sem mais explicações.

— Sim, a morrer para o mundo, mas ressuscitará para a vida eterna. Deus também perdoou a Madalena. O dia de hoje é de paz e de perdão.

Não calculas o efeito que estas palavras tiveram sobre mim! Subi, e se ia ainda desvaivada, passara-me contudo a violência da cólera. Tinham-me descido ao meu

A todos os seus ilustres colaboradores, prezados colegas, estimados assinantes, leitores, anunciantes e a todos os amigos, deseja o

«NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»

Boas-Festas

Páscoa de 1936

coração estas palavras: «o dia de hoje é de paz e de perdão!...»

Subi até ao 4.º andar, e uma vez lá, tam perturbada ia, que nem bati. Empurrei a porta e entrei. Num catre modesto, mas aceado, uma pobre mulher, olhos cerrados — dormia o sono precursor da morte. No chão, um anjinho formoso — uma criança que era feição por feição o meu Estevão — brincava descuidado. Ao lado, uma mulher idosa olhava para tudo com o desamor de quem presta cuidados por dinheiro.

— Não podes saber, nem decerto o saberás nunca, qual a impressão que me causou aquele quadro desolador. Tomou-me toda uma piedade intensa, e foi quasi com amizade de irmã que ajoelhei junto do leito daquela pobre vítima da loucura dos homens. Permita Deus que nunca experimentes a desgraçada dor que experimentei! Sofri pelas vítimas, pelo meu coração es-

o Estevão está a chegar; eu sou a sua mulher. Deus não me deu ainda um filho. Descanse! Se morrer, quererei ao seu filho como mãe.

E a pobre criatura, numa voz de reconhecimento intraduzível, pronunciou a custo: — Graças, meu Deus... Senhora... sois... uma santa...

Doeu-me o seu reconhecimento. Se ela pudesse ter lido momentos antes no meu coração!...

Foram as suas últimas palavras. Cerrou os olhos, calou mais sobre as almofadas, e lívida, mas serena, entrou no eterno descanso.

Fechei-lhe piedosamente os olhos. Deixei dinheiro, dei algumas ordens e, emburilhando o pequenito numa larga capa, desci como louca as escadas.

Cá em baixo encontrei, mais lívido que a morta, Estevão, a quem decerto a coragem faltara para me seguir.

Eu não tinha já forças! Depuz-lhe a criança nos bra-



Não parece lá, mas é lá... onde estes dois magníficos exemplares engordaram para a grande manança de ontem.

(Óbrolle pastel dum pintor ignotus.)

facelado, e por Estevão ainda, por o ver capaz de uma culpa... por pensar que fora como os outros um leviano que não respeitava a honra da mulher como o seu supremo bem.

Há dores que não se explicam, que se sentem somente...

Acredita: quando, com o pequenito cingido ao coração, me ajoelhei junto daquelle leito de dor, o meu orgulho, a minha intransigência tinham-se esvaído como o fumo.

Com aquela dor rasgaram-se-me horizontes novos. Pode-se dizer que o meu coração só então despertou verdadeiramente. Até aí vivera egoistamente, só para mim, mas naquele instante compreendi a vida, as dores, e as lutas. Meu coração melhorou, mas infelizmente, ficou para sempre ferido...

Quando me ajoelhei, a doente abriu os seus olhos onde a luz da razão brilhava ainda. Disse-lhe, então, guiada por uma inspiração feliz:

cos, tentei sorrir, e disse-lhe só: tudo acabou... Pega o nosso filho... neste ano, é o meu presente.

— Já não sei dizer como vim para casa. Estive três semanas entre a vida e a morte. Estevão andou como louco! — Ninguém semeie dores que espere colher alegrias!

Por fim melhorei: — Sou feliz. Mas caro comprei minha ventura.

Tu conheces o menino. Quero-lhe como mãe.

— E Estevão?

Estevão, pobre coitado, expiou rudemente a sua culpa. Hoje, quando o pequenito nos cobre de carinhos, e vi-bramos ambos no mesmo affecto, éle diz-me: bemdita sejas. E às vezes: como pudeste ser indulgente?

Eu beijo-o com ternura, e digo-lhe:

— E' que aquêle dia era de Paz e de Perdão!...

Páscoa, 1936.

ZITA DE PORTUGAL.

TRAIÇÃO

Foi na minha alma triste e desolada
E ávida de amor — ingrato anseio —,
Que nasceu a paixão — o doce enleio —;
Que, por meu mal, a ti foi consagrada.

Jamais alguém podia ser amada
Como tu foste e eu, perversa, leio
No teu olhar de agora, que o teu seio
Sempre iludiu minha alma enamorada.

Os ósculos de Judas foram teus,
Prostituta mulher sem coração,
Que poluiste os próprios beijos meus.

Após a morte espera a punição
E em vida talvez; que eu brado a Deus:
— Minha honra vingai! — Traição — traição!

JOÃO ANDRADE JÚNIOR.

O AMOR TAMBÉM MATA...

PELOS campos triunfava a primavera florida. Pelas sebes espreitavam ternas fôrças e a saltitar, por sobre os seixos, o regato lá ia, sabe-se lá para onde? ..

E nesta linda paisagem estavam implantados tiranicamente dois postes telegráficos... e mais longe outro, depois outro e sempre outros até se perderem de vista.

Cada um deles dava flores de porcelana, mais brancas do que lírios e em baixo, numa chapa, dizia «Perigo de Morte». De poste a poste, por aí fora, como o fio duma existência monótona, um arame rebrihante.

Por baixo dêle outro fio de cobre igual, como que tecido pela mesma Parca. Pois foi aqui... ao pé do poste 1.068, que o drama se desenrolou... No primeiro fio a contar do céu, pousou uma pardalinhão, umas a rebrihar da uanidade, biquinho rosado, oinhos vivos e maliciosos e rabinho cortado à garçonne como é de uso. No fio de baixo, estava um pardal gaiano, dêstes que piscam o olinho maroto a todas as pardos e airosas.

E o pardalito, está-se a ver, catrapiscou a vizinha de cima. Nanja que ela lhe desse trela que parecia muito recatada, comquanto tam formosa.

Mas pardalinho esperto, para preparar o terreno, vá de piar, o melhor que soube, um charleston em voga.

Logo a beldade que era danadinha para a dança, sem poder conter-se, começou a pular nas patinhas e a meter os joelhos para dentro, à guisa de Josefina Baker.

E o pardalito, contente, puxou para trás as peninhas do toutingo e meteu conversa.

A cousa foi depressa. E tam depressa que o nosso conquistador que, afinal, era um pardalão, na humana acepção do termo, tratou logo de pedir um beijo à enamorada pardoca que, apesar de ter bico e emboia o calasse, logo entrou de fazer boquinhas de esquivia. Mas o galã insistiu, pôs-se nas pontinhas dos pés e ela, condescendente, vencida pelo amor, deu o biquinho ao bico que para ela se estendia.

E... zás!... Como um dos fios estava ligado ao polo positivo e outro ao negativo dum gerador formidável, deu-se o curto circuito entre aqueles bichinhos amorosos e... adeus vida... que se foi num beijo!

E os dois montinhos de penas pardas, rolaram na erva fresca onde as margaridas do prado lhe teceram uma mortalha alva de neve...

O amor também mata... Acreditem!

VENDE-SE a propriedade da Madre-de-Deus, próxima à Capela, sita na freguesia de Azurém, alodial e que se compõe de diversas casas, eido, alpendre, hortas, campos lavrados e avidados com fruteiras, e uma coutada de mato com carvalhos. Recebe propostas o solicitador João Couto. (50)

Ressurreição

Emfim! acabou a dor... Já terminou a paixão... No céu há hinos de amor... Vai pelo mundo um clamor... — Ressurreição!

Após cruenta agonía ressurge o terno Jesus: Depois do pranto — a alegria! Depois das trevas — a luz!

Que ventura singular, que regosijos augustos no sol, nas erva, no ar, nas águas e nos arbustos!

Um sobreiro musculoso, de gestos lentos e graves, entre os irmãos avantajados, com mil carícias na voz, — Bem haja!... diz respeitoso, morreu e revive em nós!

— Bem haja!... dizem as aves, e as fontes dizem — Bem haja!

Tudo rebriha e prospera, numa ansia milagrosa tudo folga e se compraz! A gaiata Primavera calça as meias cor de rosa e põe a touca lídã...

E a Terra-mãe, finda a paixão, brada também: — Ressurreição!

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

Vejam diariamente as exposições de fatos com preços, na : : (80) FILIAL PIMENTA MACHADO

Não apareces?!... Foges!!... Tens medo?!... Que importa!... Se o meu coração te ama, As afrontas bem suporta.

Viverei bem isolado Longe de ti. Paciência. Tenho alegria, prazer, Em ter limpa a consciência.

Pessoas que eu respeitei, Hoje me são avessas. Deixa lá. Deixa-as espreitar Pelas ruas e travessas.

Eu te espreito com binóculo, Porque vejo, melhor, além. Querias ver te bem perto Em minha casa também.

Quem espreita tem ciúmes, Quem guarda ciúmes tem. Coração que muitos ama Causa ciúmes também.

Quem me escreve?!... Eu sei lá!... Quem me ama com certeza. A Virgem m'o diz em sonho, Neste sonho tenho firmeza.

Diz Ele: Ser companheira Na sua alegria ou paixão. E a Virgem me diz que sim, Mas alguém diz-me que não.

Quem me escreve?!... Eu sei lá!... O sonho me diz: ... Já sei. Sonhando em ti, descansa; Sou-te firme. Crê. Jurei.

Guimarães, 8-4-36. J.

DINHEIRO

Empresta-se, sobre hipoteca. Informa esta Redacção. (74)

CASA para habitação, bem situada, precisa-se. (60) Nesta redacção se Informa.

O. NIX. 21.00

A CAMISA DA EPOCA

Reclame da

LOJA-DAS-CAMISAS

(83) TOURAL (junto ao Café Oriental)

GUIMARÃIS

NA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

A aclamação de D. João IV — A defesa de Melgaço pelos de Guimarães — A bravura do capitão João Rebelo Leite — Os vereadores na peleja

HAVIA sessenta anos que Portugal gemia sob as garras de Filipe IV de Castela, dominando o nosso país sob o nome de Filipe III, o Grande.

A nobreza lusitana apoiara o povo que já por várias vezes se tinha revoltado em diversos pontos. Evora fôra teatro de graves motins reprimidos com muito sangue pela gente dos castelhanos.

O mês de Dezembro de 1640 surgira com a aurora da Liberdade. A Pátria ia, finalmente, respirar o seu ar de independência. D. João IV fôra aclamado rei de Portugal e dos Algarves. O oitavo duque de Bragança, com o nome de D. João II, era senhor de Barcelos e de Guimarães.

O berço da monarquia quisera ser das primeiras terras do país a reconhecer o novo rei. A primeira onde êle fôra aclamado tinha sido Lisboa: a segunda Guimarães.

Os espanhóis, ao norte, entrando pela fronteira da Galiza, raziavam as povoações portuguesas, não poupando nada do que se lhes deparava.

Os improvisados exércitos de Portugal, desfalcados pelos Terços que tinham ido para a Catalunha, pelos emigrados e pelos presos, não podiam opôr séria resistência ao dominador de ontem, inimigo de muitos séculos. Só o muito patriotismo desses punhados de bravos, movidos por uma ardente fé, se abalançava a lutar contra as tropas organizadas, do senhor do maior reino da Europa.

Guimarães quisera contribuir com a sua quota parte para a independência de Portugal. E desta maneira, em Janeiro de 1611, «se deu rebate nesta villa para se acudir à póte do Porto onde se dizia estavã cinco mil castelhanos. Cõ grãde presteza saíram os moradores della formando tres companhias com todo o restante Pouo, a q se deu polvora, balas, & corda, q fez custo á Camara mais de duzentos cruzados; & sendo o lugar distante mais de quatro legoas forão as primeiras q chegarão a ella.»

Estas fôrças tinham por capitães Fernão Ferreira da Maia, Estêvão Machado de Miranda seu irmão, Cristóvão Machado Riconado, Gonçalo Maçoulas de Castro, levando também os privilegiados de Nossa Senhora da Oliveira que eram o arcediãgo Jerônimo da Rocha Freire e os cônegos Cristóvão Ferraz e Gaspar da Fonseca de Góis com outros muitos clérigos.

Chegou o mês de Fevereiro desse mesmo ano e o general D. Gastão Coutinho, determinou que fôssem duas companhias da Ordenança de Guimarães guardar Melgaço, um dos objectivos do inimigo.

Fernão Ferreira da Maia e Estêvão Machado de Miranda reuniram duzentos e cinquenta arcabuzeiros e seguiram a cumprir as ordens do chefe. Com êles foi também o sargento-mór Francisco de Abreu Soares, «que se conuiu para a jornada de bom animo».

D. Gastão Coutinho residia em Monsão para onde se dirigiu a pequena fôrça que o

levantado patriotismo fazia obrar prodígios. Iam receber ordens para a defesa da

«Naquele dia houve notícia, que na seguinte noite vinha o inimigo para entrar na fortaleza de Malgaço por tracto ou interpreza, q por tanto releuava se partissem elles Capitães, & Sargento-mór, com as companhias, segurar aquella força, & lhes encomendou o General o cuidado della.»

O inimigo em número muito superior não fez desanimar os portugueses que apesar de se encontrar encontrar em piores condições de ataque não só pela diferença numérica como pelo armamento, foi repellido das posições que occupava. Sobre um outeiro, linham os castelhanos duzentos homens armados de mosquetes e outras armas e no fundo do vale, onde corre o formoso Lima, mais quatrocentos homens de refôrço.

Perante tão numeroso adversário, alguns opinaram que seria temeridade afrontar um inimigo estrategicamente bem colocado e com enormes vantagens na defesa, «com tudo sem atender as conveniencias, & razões propostas, se levantarão até 15 homens dos Nobres desta Villa dizendo q não era credito seu deixarem de pelejar por mais perigos q representassem, dizendo isto remetê como leões os peitos discobertos, dezêndo atirai inimigos q lá vos imos buscar, comessando a dar a primeira carga forão seguidos de todos os cõpanheiros naturais q subindo pela eminencia acima, puserão em tal estado, & tanto terror ao inimigo, q deseparãdo as trincheiras se puserão todos em fugida, auendo que não estavam seguros em quanto não nos perdião de vista».

Em Lamas de Mouro receberam a noticia de que o inimigo se aproximava com muita gente de cavallo e de infantaria, pelo que alguns resolveram a retirada, sendo de opinião contrária o filho do capitão-mór António de Sousa e o sargento-mór Francisco Soares de Abreu a cuja conta vinha a provisão de «polvora, balas, & corda».

Estas munições foram repartidas pelos soldados os quais ficaram em condições de batalhar.

«Pelo mesmo dia assistião em Melgaço uma companhia do General quatro companhias nossas da Ordenança, a quê cabia o giro de fazer guarda naquela ocasião e se achavão na entrada da ponte das Varzeas o Capitão João Rebelo Leite, com hum seu filho do mesmo nome, o Capitão Gregorio do Amaral, & o Capitão Dionisio do Amaral seu filho, & Antonio de Freitas Vieira Alferes por seu Capitão ausente.»

Portaram-se à altura dos lugares a cada um confiados e muito especialmente o filho do capitão João Rebelo Leite que obrou prodígios de bravura o qual foi atingido com treze feridas e feito prisioneiro. Levado para Tui, aí o curaram, mas como se encontrasse muito perto da fronteira, foi removido para Pontevedra. Com êle ficaram prisioneiros todos os que o tinham acompanhado, visto não o quererem abandonar naquela emergência.

AGÊNCIA DE DIAS
CASA DAS GRAVATAS
150, PRACA AFONSO HEINRIQUES, 132 - 1. RUA 31 DE JANEIRO
TEL. 188 GUIMARÃIS

AS VIOLETAS

Há dias neste mês, eu recebi,
Pelo correio, amostra sem valor;
Pela caligrafia conheci
Que vinha das mãos tuas, meu Amor.

Repousei-a algum tempo sobre a mesa,
Que fica do meu lado, à cabeceira,
Pensando p'ra comigo: — «é, com certeza,
Perfumado botão de uma roseira.

Serão cravos e rosas de tocar?
Talvez alguma prenda? mas, não sei...
Não tendo mais paciência a suportar,
Abri a caixa e, dentro, deparei

Com um ramo de frescas violetas,
Simétrico, viçoso, perfumado,
E, escondido, um bilhete a letras pretas,
Traçadas por teu punho rendilhado,

Dizendo assim: — «Como lembrança, mando,
Pela mala diária do correio,
Este raminho de perfume brando,
— Simples adorno usado no meu seio».

Naquele dia, andaram no meu peito;
E, p'la noite, deixei-as a orvalhar,
Em jarra cristalina e, satisfeito,
Fechei meus olhos, p'ra dormir, sonhar...

E na manhã seguinte, às horas quietas,
Pensei, ao encontrar já sem frescor,
Sem vida e sem aroma as violetas:
— Será também, assim, o teu amor?

LEÃO MARTINS.

Além de todas estas coisas continuou «a Villa na guarda de Melgaço dezoito legoas distãte della, de Fevereiro até os vltimos dias de outubro, tendo duas companhias de presidio nella, que entravão, & sahião por giro, gastando 15 dias de de estada, & oito de ida, & vinda, sempre á conta dos Capitães, & dos soldados, q por não serem ricos, pondera mais a vontade com q se oferecê, sem auer falta da sua parte».

Tam galharda e bravamente se portaram os de Guimarães nessa memorável data que nem sequer os vereadores quiseram ficar dentro dos seus muros gozando a tranquilidade dos seus lares, como lhes competia e lhes fôra pedido. Os três edis, Manuel de Melo da Silva, Manuel Peixoto de Carvalho e Diogo Leite de Azevedo lançaram-se contra as hostes espanholas que tentavam subvertar a Liberdade duma Pátria que gemera, durante sessenta anos, um agônico cativoiro.

OLIVEIRA ABRANTES.

Distinção, Beleza e bom tom,
adquirem-se com os já
célebres produtos NALLY
A sua vasta coleção encontra-se na
CASA DAS GRAVATAS

Páscoa na aldeia

Repicam festivamente
Os sinos da minha aldeia.
Já lá vem todo contente
O Juiz da Cruz à frente...
Todo êle se meneia.

Tantas opas bicolores!
Uma mulher apressada
Que leva um cesto de flores
(Mal-me-queres, lírios e amores)
Para embelezar a estrada.

Tantos fatos domingueiros
E jaquetas a estrear!...
Vêde os garotos, matreiros,
Não se importam dos morteiros
E vêm pedir o foliar.

Avelhice e a mocidade,
Radiantes de alegria,
Saúdam o «Sôr Abade»
Que, cheio de piedade,
Lhes responde: — Aleluia!

E beijam, do Cristo, os pés
Pessoas que são devotas...

...
E os Maneis a-mai-los Zés,
Andam sempre a olhar p'ra os pés
P'ra ver o brilho das bolas.

JOÃO NETO.

Cânticos de Aleluia

Na Primavera das flores surgem cânticos de alegria com a alvorada duma Páscoa entre sorrisos, amendoas, doce e pão de ló... Os afilhados pressurosamente desejam receber da mão que beijam a *prenda-folar*, para êles motivo de cativantes manifestações de almas em botão a olhar para o futuro de sonhadoras espectativas!...

No limiar desses sorrisos e alegrias aparece a suave figura de Jesus expandindo toda a sua beleza e bondade!

Na Semana Santa — semana de Tragédia e de Ressurreição — Cristo simboliza a doutrina universal de que é eterna a evolução da perfectibilidade humana. Dos raios da Dor — imortalizada na Cruz do Calvário — nasce uma perene Aleluia com a subida da felicidade divina, bem radicada no pensamento e na alma da Humanidade!...

Seja, pois, de saudação a hora que vivemos presente a uma Páscoa a passar o manto de mais um Aniversário!

I. P.

Páscoa — 1936.

Sortes de maio

Vendem-se duas. Quem pretender, dirija-se ao sr. João de Carvalho — Quinta do Verdinho, Azurém, nesta cidade. (85)

Anúncio

Nos termos do art. 19 da Lei do Divórcio, faz-se público, que por sentença de 25 de Março último, foi decretado o divórcio entre os cônjuges Manuel da Fonseca e Castro, proprietário, do lugar do Burgo, freguesia de S. Jorge de Selho, desta comarca, e Glória Pinto Lisboa, do mesmo lugar e freguesia, com fundamento no n.º 4.º do art. 4.º da referida Lei. Guimarães, 4 de Abril de 1936.

O chefe da 3.ª secção,
Luiz Cândido Lopes.

Verifiquei.

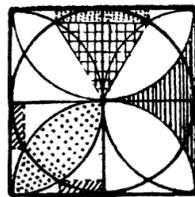
O Juiz de Direito,
Artur Valente. (84)

PASSA-SE por motivos de partilhas, um estabelecimento de ferragens, bem situado, com larga clientela em junto e retalho. Bom emprego de capital.
Rua de Santo António, 83, 85 e 85-A. (61)

Secção Científica

Sobre o cálculo de PI

Em um folheto recente pretendi demonstrar a área do círculo e extensão do seu perímetro por meio de figuras semelhantes a esta:



Fundei-me em que um triângulo duplo-reintrante, como o sombreado a traços à direita, é igual a um triângulo rectilíneo, como o reticulado superior, e concluí que o perímetro do círculo é o do quadrado a êle circunscrito menos o duplo da extensão da base do mesmo triângulo rectilíneo e mais o duplo da altura do rectângulo pontado que fica sobre essa base, duplos que o são por dizerem respeito também a partes opostas simétricas, inferiores no quadrado.

Creio que a solução obtida é verdadeira. Todavia como a demonstração é indirecta e por simetria, a certeza será tanto maior quanto os elementos componentes mais àquela se adaptarem.

Parto pois de que, sendo a área do quadrado composta de triângulos duplo-reintrantes e de formas convexas como a pontada inferior à esquerda, a que chamo grandes lúnulas, entre uns e outras deve existir uma relação lógica, e essa relação formar simetria no quadrado.

Qual porém a área de uma grande lúnula?

Qual a relação dela para a de um triângulo duplo-reintrante?

A primeira vista parece bem difícil responder às duas perguntas, e no entanto é simplíssima a resposta:

Quanto à 1.ª:

Não contém o quadrado 4 grandes lúnulas e 4 triângulos duplo-reintrantes? E não é cada um destes igual a um triângulo rectilíneo, reticulado? Portanto, abatendo à área do quadrado o valor de 4 triângulos rectilíneos, a diferença é o valor das 4 grandes lúnulas, e o quociente

da sua divisão por 4 é o valor de uma grande lúnula.

Quanto à 2.ª:

Conhecida a área de uma grande lúnula e a de um triângulo duplo-reintrante, o que traduz a diferença entre uma e outro? Traduz o rectângulo pontado superior, cuja área acrescida à daquele triângulo prefaz a da grande lúnula. E que representa esse rectângulo? Aquelle cuja base foi excluída e cuja altura foi incluída no perímetro do círculo, o que importa dizer que cada triângulo duplo-reintrante está simultaneamente, por si, como equivalente de um triângulo rectilíneo, em relação com o círculo, e pelo seu acréscimo em relação com o perímetro do mesmo.

Mas a simetria? Essa revela-se de duas maneiras:

1.ª Cada triângulo duplo-reintrante circundado de lados das grandes lúnulas e do quadrado é lhes simétrico, e por sua vez, quer tomando o rectângulo pontado superior e seu simétrico inferior, quer rectângulos iguais a êles, à direita e à esquerda, entre as grandes lúnulas, cada um, cada par, ou todos 4, ficam simétricos aos lados do quadrado;

2.ª Tomando, em torno de uma grande lúnula, 1/2 de cada triângulo duplo-reintrante com 1/2 de cada rectângulo a comear em cada diâmetro, seja no 1/4 inferior esquerdo da figura, os 2 triângulos reintrantes a branco que circundam a grande lúnula pontada somados com os 2 rectângulos sombreados a diagonais, — semi-triângulos duplo-reintrantes e semi-rectângulos como os do rectângulo superior tornam-se envolventes e simétricos à grande lúnula e aos semi-lados do quadrado.

A relação, pois, dos triângulos duplo-reintrantes com as grandes lúnulas através dos rectângulos — elemento interveniente no perímetro do círculo e simétrico aos lados do quadrado — confirma a verdade da solução encontrada para área do círculo por intermédio da simetria.

Regilde, Felgueiras, 18-1-1936.

A. A. MACALHÃES & SILVA

Curiosidades mundanas

A aviação italiana

Segundo o *Daily Mail* o governo italiano vai realizar um programa de construções aéreas, de dimensões gigantescas. Essas construções feitas a um ritmo acelerado (12 aparelhos por dia) dotarão o país, antes do fim do ano corrente, duma frota de 5.500 aviões ultra-modernos, dos quais 1.500 de bombardeamento. Estes últimos poderão transportar três toneladas de bombas a uma velocidade média de 450 quilómetros à hora e percorrer 3.000 quilómetros.

O aumento do custo da vida

A revista alemã *Wirtschaft und Statistik* publica alguns números-índices sobre o aumento do custo da vida. Na Alemanha, o acréscimo, em relação aos anos anteriores, é de 0,2 por cento. O Japão acusa o aumento de 8,6 por cento, o número mais alto registado. Entre estes limites, figuram a Hungria, com 6,5 por cento; a Filândia, com 5,1 por cento; a Suíça, com 2,7; a Inglaterra, a Suécia e a Noruega, com 1,4.

CASA — Aluga-se um segundo e terceiro andares com frentes para a Porta da Vila.
Informa Café Oriental. (57)

Limpeza e afinação de máquinas de escrever.
Pessoa de probidade, encarrega-se.
Toural n.º 2 — Guimarães. (72)

Costumes da Mongólia

Entre os habitantes da Mongólia há o costume, quando um rapaz e uma rapariga morrem sem ter contraído aliança conjugal, fazerem os pais o seu casamento depois da morte dos inuptos. Reduzem, então, a escrito o contrato, que é queimado em seguida juntamente com os vestidos que lhes serviam em vida, pois segundo dizem «todos estes bens passam por meio do fumo ao outro mundo e servem para satisfazer às necessidades daqueles a quem são dirigidos». Estão convencidos de que os casamentos póstumos são depois ratificados no céu.

Caixa de música microscópica

Existe em Inglaterra, e na posse de um coleccionador de Londres, a caixa de música mais pequena de que há conhecimento, pois que anda disfarçada no engaste de uma aliança de ouro. Basta comprimir uma pequenina mola, para que o microscópico mecanismo entre a funcionar, fazendo ouvir várias peças musicais. Como se pode calcular, para se apreciar essa música é indispensável pôr o ouvido ao pé do anel. Tam maravilhosa obra de mecânica data do século XVIII.

IMPRESSÕES DUM OBSERVADOR

Aquele garoto...

Foi no «Café Cabo Verde» no Pôrto. Era noite. Cheguei e, abancando-me a uma mesa, ainda não tinha sido atendido pelos respectivos empregados — pois o «Café» estava cheio de frequentadores — quando me aparece aquele garoto..., importunando-me. Ligava simultaneamente, ao seu algo de vulgar, o seu quê de invulgar.

A minha primeira impressão, ao ver nêle qualquer coisa de vulgar e, assim, de importuno, levou-me, quasi, a chamar um empregado e, ainda antes de ter sido servido dum café, mandá-lo pôr na rua.

Porém, reflectindo um momento — e tudo ainda antes de ter sido servido do café, que aguardava, — desisti de mandar chamar o empregado e mandá-lo pôr na rua, porque vi nêle, naquele garoto, o seu quê de invulgar, como acima digo.

Apanhava êle, àquela hora, 10 horas e pico da noite, papéis, por debaixo e por cima das mesas!

Para que seriam aqueles papéis? — reflecti eu. Eram papéis que, momentos antes, ali tinham sido colocados, anunciando programas e horários dos diferentes cinemas, etc.

Eram poucos e leves. Já não podiam ser, pois, para vender a pêso, porque isso não compensaria o trabalho exausto que aquela criança levava, àquela hora da noite! E, se não podiam ser para vender a pêso, muito menos para colleccionar... Para que seriam, pois? Para que andaria aquele garoto a apanhar papéis aqui, ali e acolá, importunando os fregueses?

Não resisti à curiosidade, porque — isto passou-se tudo num momento — não encontrava, por mais que me esforçasse, explicação para o afã daquele garoto, na apanha daqueles papéis; e, por isso, chamei-o. E êle, prontamente, se abeirou de mim.

— Para que queres tu êsses papéis? — perguntei.

— Para escrever dêste lado que não tem letras — respondeu êle.

— Para escrever o quê?

— Qualquer cousa, e contas.

— Então tu sabes ler?

— Sei, sim, senhor.

— Andas na Escola?

— Ando, sim.

— Em qual?

— Na da freguesia da Vitória.

— Em que classe andas?

— Ando na 3.^a.

— Como te chamas?

— Aníbal Alcino Ribeiro Sobral dos Santos.

— Quantos anos tens?

— Tenho 9.

— Tens pai e mãe?

— Tenho, sim, senhor.

— Em que se emprega o teu pai?

— E' carpinteiro, e trabalha a dias, por fora.

— E a tua mãe?

— Trabalha na vida de casa.

— Então é doméstica!? — observei.

— De-certo é, sim senhor. Pois é — observei ainda.

— Sabes ler aqui? — Mostrei-lhe um papel impresso — e aquele garoto, que falava pelos cotovelos..., leu-o, devorou-o mesmo, num momento!

Era esperto; vi que andava na Escola, que era pobre e aplicado — já não restava dúvida.

— Quem é o teu professor? — perguntei.

— E' um senhor chamado Fragata.

Felizes os professores que têm alunos tam aplicados, e tam cheios de vontade — meditei comigo mesmo! Estes, sim, com pais e alunos que compreendem e cumprem fielmente o seu dever, não precisam de aplicar multas, quer por falta de matricula, quer por falta de frequência.

Aquele garoto, que ainda há poucos momentos me dera a impressão de importuno, como vulgarmente são os que apparecem, frequentemente, pelos «cafés», vendendo bugigangas, meteu-me compaixão.

Dei-lhe um «tostão» para êle comprar uma folha de papel.

— Pouco! — dirão.

— Sem dúvida — respondo — mas, em todo o caso, o que, na altura, podia dispor, pois, não sei quem será mais pobre: — se êle, se eu.

Sim, se eu fôra rico, dar-lhe-ia mais; dar-lhe-ia mesmo muito mais, um bom futuro, pondo-o a estudar, até conseguir uma formatura, aproveitando aquela intelligência, ainda em embrião, e como prêmio da sua applicação!

Se todos os pais, e crianças de Portugal, fôsem assim, sabendo cumprir e cumprindo o seu dever para com a Pátria, e para consigo mesmos, o magno problema da extincção do analfabetismo, em Portugal, seria, muito em breve, uma realidade!

Aquella criança, aquele garoto, depois de me ter dito ser afilhado de Beatriz Costa — a grande actriz, conhecida e admirada em todos os palcos de Portugal, e que lhe mandava, de vez em quando, 20\$00, quando êste lhe escrevia uma carta — desapareceu, sorridente, e, talvez, para nunca mais por mim ser visto.

Que Deus te abençõe, e a Caridade te proteja! — disse comigo.

Briteiros, 28-3-936.

JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS.

DESPORTO

VITORIA, 3 — VILA REAL, S. C., 1
Paga sem juros...

Em retribuição da visita dos vimearense à capital de além Marão, jogaram em Benlhevai os campeões de Vila Real. A acompanhá-los, vieram bastantes pessoas que além de assistirem a um bom desafio de football, gozaram um esplêndido dia de sol, coisa rara e de aprêço, nesta meia dúzia de mezes de furturinha de chuva.

Entre nós, a vitória dos vilarealenses, no domingo anterior, despertou interesse, e o público accorreu em bom número a presenciar o jogo, aplaudindo com imparcialidade os visitantes e visitados.

O grupo local soube liquidar bem os 3 a 1 recebidos em Vila Real, pagou integralmente, mas não soube ir além dessa pontuação, nem traduzir conclusivamente a vantagem que usufruiu em todo o encontro. A linha avançada, que tam boas coisas fez a meio do terreno, conduzindo ataques em forma, inferiorizava-se na grande área, porque não tinha um avançado centro que desse cabal e oportuno remate ao jogo constantemente fornecido. Clemente, em baixa de forma, comprometeu seriamente o bom trabalho dos companheiros da equipe, e, por isso, foi mais tarde substituído por Pantaleão, das reservas, e a linha avançada se não melhorou a respeito de remate, deu pelo menos mais movimento e utilidade ao ataque. Pantaleão, será o candidato mais indicado para o lugar que occupou, se conseguir limar certos defeitos que possui. Tem qualidades apreciáveis; batalhador, nervos, agilidade e bom pontapé, mas revela um receio instintivo que o obriga a acudir a toda a parte, abandonando o seu lugar num intuito de ser útil, o que é prejudicial; receia ainda, tentar o goal, perdendo oportunidades flagrantemente e tem pouco domínio sobre si próprio. Desperdiça energia a rodos.

Hje, pela actividade que se pede aos interiores a acção do avançado-centro modificou-se. Este jogador é actualmente o chutador principal da equipe, e de quem é exigido os últimos passes e o remate final do ataque. A grandeza dum avançado centro está na maestria d'esses passes, na perfeição de driblar, na ciência da desmarcação e na certeza do pontapé.

Trate Pantaleão de se aperfeiçoar e alcançará o seu sonho doirado: ser o avançado-centro das primeiras do seu club.

Toda a restante equipe trabalhou com acerto, destacando-se Zeferino sobre todos. Faria no seu novo lugar de back mostrou mais conhecimentos; teve intervenções antecipadas de valor e técnica. — Estará aqui o almejado defensor que o Vitória necessita? Tudo faz prever que sim. Elísio substituiu Ricoca doente. Teve bom trabalho e a única bola que sofreu não tinha defesa.

Não fugimos também ao interesse despertado de apreciar o vencedor do Vitória. De facto é um grupo de merecimento, individualmente constituído por jogadores de bom futuro. Sobressai entre todos o meia-esquerda, autor do único goal do seu grupo. Forte, enérgico, excelente dominador da bola, boa corrida e pontapé valente. Jogador de largo futuro. O guarda redes brilhou tam em apparatus encaixes. Tem defeitos. Ninguém é isento deles! Algumas saídas indecisas, foram mal aproveitadas pelo adversário.

Em conjunto o grupo é inferior ao Vitória. O apêro constante que sofreu foi o produto dessa inferioridade. Da parte do grupo local havia mais perfeição nos passes, a bola seguia até perto das redes contrárias sem perder o controle do jogador bem colocado. A terceira bola foi o exemplo d'esse acerto. Rodrigues só teve o cuidado de a colocar no fundo das redes.

Falta-lhe ao grupo visitante êsse apuro de tática, logo que o consiga o seu valor impôr-se-há.

O jogo:
A bola de saída pertence ao visitantes que a perdem em beneficio dos adversários que, rápidos, atacam em forma. A defesa do Vila Real defende-se com valentia, mas não sacode facilmente as investidas do Vitória. A rapidez com que o jogo se desenvolve, torna de principio a partida animada.

Os visitantes, na mesma toada veloz atacam, mas a defesa alvi-negra, anula as suas intenções. O jogo, desenvolve-se mais no campo dos transmontanos. Jesus perde uma boa ocasião chutando por alto com o Keeper adversário batido. Vitória, aberta, mas a falta de remate não deixa abrir activo. Lima é advertido por o árbitro pelas suas violências desproporcionadas.

Clemente faz mau lugar. Os vilarealenses ameaçam com valentia sem nada conseguirem. Zeferino marca a primeira bola do Vitória por penalty justo. 1 a 0. Clemente, sem dominio de bola, compromete o jogo da sua equipe. Os locais continuam a fazer valer a sua classe, disfrutando uma vantagem continua, mal traduzida em pontos. Pantaleão substitue Clemente. O fim da primeira parte está a chegar, sem que, alteração alguma sofra, a vantagem que os locais têm conseguido.

Com a substituição de Clemente,

O caso do monumento

A carta a que fazia referência, no seu artigo, o ex.^{mo} sr. capitão Duarte Fraga, da autoria do ex.^{mo} sr. tenente-coronel José Filipe de Barros Rodrigues, e cuja publicação foi expressamente autorizada por este illustre membro do exército, é do teor seguinte:
Lisboa, 20-3-1936.

Meu ex.^{mo} camarada:
Há dias o capitão Flores fez-me entrega da, para mim, valiosissima oferta de 3 fotografias da maquette do monumento a erigir em Guimarães em honra e glorificação dos heróis da Grande Guerra, da autoria de V. Ex.^a.

Só agora me é possível agradecer-las e dizer o quanto as aprecio porque fui vítima dum forte ataque de gripe que me tem mantido inactivo. Acho a sua ideia absolutamente feliz — criando um monumento simples e sóbrio, soube imprimir-lhe grandeza e magestade, num conjunto harmónico e muito agradável.

A parcimónia e simplicidade das legendas são altamente compensadas pelo alcance, austeridade, espirito de justiça e enternecido amor pátrio que as mesmas traduzem. — Não podia escolher melhor. — O conjunto constitue uma glorificação, uma exaltação e um estímulo como compete a uma obra desta natureza, mas uma exaltação e um estímulo absolutamente temperados, sem exageros condenáveis.

Felicitto-o, pois, calorosamente, e oxalá dentro em breve nos seja dado o prazer de admirar em tamanho natural um monumento que vai honrar a vetusta cidade de Guimarães, terra da minha maior simpatia, a primeiro capital do nosso velho e glorioso Portugal.

Resta-me agradecer-lhe ainda as amáveis palavras que teve a bondade de escrever a propósito do meu despretençioso e pobre artigo do *Notícias de Guimarães*. Pareceu-me, no entanto, que as minhas ideias não caíram mal na opinião pública.

Felicitto-me, por isso e, sobretudo, por terem sido bem acolhidas pelo meu ex.^{mo} camarada.

Tenho o maior respeito e veneração pelos mortos, mas essa veneração e respeito são muito maiores quando êsses mortos foram homens illustres e expoentes valiosos das virtudes da raça. E sou contra a ideia de se espalharem, como se tem feito, pelo pais inteiro, monumentos fúnebres que, em grande número de casos, não podem deixar de exercer uma acção depressiva sobre a população que os observa.

Ora, os monumentos, que devem figurar entre os vivos, devem ser ideados, principalmente, tendo um fim educador e de exaltação das virtudes e qualidades nobres, e nunca com o fim de exercer accções demoralizadoras, criando o medo e o receio pela repetição de factos a que os mesmos se referem.

Mais um motivo, pois, para o felicitar e felicitar Guimarães por não terem enveredado por mau caminho. E, com a maior consideração, creia-me,

De V. Ex.^a,
camarada muito obrigado,
José Filipe de Barros Rodrigues.

há mais esperança. Os visitantes são rápidos e corajosos e podem inesperadamente causar mal estar... José Silva dá por terminada esta parte.

2.^a parte.
O Vitória, na mesma toada de franco ataque inicia esta parte com vontade. O adversário, encolhe-se dentro dos limites de seu terreno mal atacando e só tempos a tempos. As jogadas continuam velozes e bem delineadas por parte do Vitória. Zeferino destaca-se pelo seu trabalho superior, fornecendo jogo em quantidade. Virgílio aproveita bem um passe recebido e marca 2.^a bola do Vitória.

Da bola ao centro, os visitantes, atacam com vigor procurando marcar sem o conseguirem. Vitória, em passagens bem feitas e uma avançada vitoriosa, permite a Rodrigues enfiar a 3.^a bola. Vitória 3 a 0. A linha avançada com Pantaleão, tem mais movimento, mas continua falha de remate. Virgílio tem alguns pontapés falhos de direção. João Jesus trabalha bem, lançando ao seu extremo passes inteligentes, que Rodrigues dá bom seguimento. Os visitantes, procuram atingir as redes do Vitória a «golpes de energia», mas a defesa dos locais frustra as suas intenções. Mas o ponto de honra havia de aparecer. Faria, ao despachar do centro do terreno, falha, e a bola é aproveitada por o meia esquerda visitante, que corre ao goal, marcando assim a primeira bola do Vila Real S. C. Bola de espectáculo bem conseguida, pelas qualidades do chutador, embora com um adversário à ilharga, soube bate-lo em velocidade e atirar com força e direcção. Vitória ainda ataca, mas os 90 minutos chegam annunciando o final.

Arbitraram: a 1.^a parte, José Silva e a 2.^a António Neves. Igualaram-se no bom serviço, na imparcialidade inconscusa e na competência.

ALMEIDA FERREIRA.

DA CIDADE

Baile na Assembleia Vimaranesense

Para solenizar o Sábado de Aléluia, realizou-se, a noite passada, no Salão de Festas da Assembleia Vimaranesense, o anunciado baile em que tomaram parte muitas Damas e Cavalheiros desta cidade e de fora, e que decorreu com muita animação. Abrihantou-o a afamada Orquestra Vimaranesense que agradou no seu variado programa.

Noticias pessoais

A passar as festas da Páscoa encontra-se nesta cidade a nossa illustre colaboradora e gentil conterrânea, ex.^{ma} sr.^a D. Maria José Ribeiro Vilas Soares.

Na sua Casa de Matos, encontra-se nesta cidade o nosso querido amigo e illustre Magistrado sr. dr. Raul Alves da Cunha.

Tem passado ligeiramente encomodado o nosso prezado amigo e concessionário da Luz Eléctrica, sr. Bernardino Jordão. Desejamos o seu restabelecimento.

Com sua esposa, partiu há dias para Pombal, a passar as festas da Páscoa, o nosso prezado amigo sr. José Henrique Pereira da Costa Pires, intelligente Tesoureiro Proposto da Fazenda Pública neste concelho.

Encontram-se entre nós os nossos conterrâneos e prezados amigos srs. Jacinto A. Guimarães e Joaquim Alberto César.

Encontra-se entre nós, com sua esposa, o nosso prezado amigo sr. José Maria da Mota Freitas, distinto 1.^o Sargento de Telegrafistas.

A passar as Festas da Páscoa e de visita a sua familia, está nesta cidade a sr.^a D. Rosa Rocha, distinta professora em S. Pedro Sul, bem como sua sobrinha a sr. D. Maria Amélia Gonçalves Coelho.

Com sua esposa, partiu ante-ontem para Fernando-Pó, Africa Espanhola, o nosso prezado amigo sr. Manuel Marques. Desejamos-lhes feliz viagem.

A passar as festas da Páscoa seguiu para S. Pedro do Sul, o nosso prezado amigo sr. Júlio Pereira de Figueiredo.

Também foram passar a Páscoa a Escarpás o sr. João Dias de Castro e sua esposa.

De visita a sua familia e a passar as festas da Páscoa, encontra-se entre nós o illustre Magistrado e nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Dr. António Carneiro.

Também se encontra entre nós, a passar as festas, o nosso prezado amigo sr. Francisco Matos Chaves.

Com sua esposa, foi passar as festas da Páscoa a Fermil de Basto, o nosso bom amigo sr. António de Sousa Lima, illustre 2.^o Comandante dos B. V. de Guimarães.

Casamente

Na igreja paroquial de Azurém realizou-se ultimamente o casamento do nosso prezado amigo sr. Geraldo Guimarães Kondsman com a sr.^a D. Júlia Ribeiro. Desejamos lhes muitas felicidades.

Ocorrências

No lugar dos Atranquilhos, freguesia de Creixomil, dêste concelho, quando procedia ao carregamento de uma caminheta, por terem partido as cordas que prendiam algumas pesadas barras de ferro, estas caíram sobre o carregador Bernardino Barros, solteiro, de 23 anos de idade, natural do concelho de Fafe, freguesia da Pica, que teve morte instantânea. O cadaver foi removido para a morgue da Misericórdia.

No lugar da Ribeira, da mesma freguesia, na manhã de segunda-feira, um carregador da caminheta n.^o 12:031-N ao aprear-se desta caiu e foi colhido por uma das rodas, ferindo-se bastante.

No penúltimo sábado, por volta das 17 horas, foram chamados os socorros dos Bombeiros Voluntários para um incêndio que se havia manifestado numa habitação da freguesia de S. Cristovão de Selho (Pevidém), tendo para ali seguido, imediatamente, três viaturas.

Espectáculos

O Grupo Cénico «Mocidade Alegre» realiza, no próximo domingo, às 21 horas, no Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia, um espectáculo com o seguinte programma:

I PARTE. — A hilaritante comédia em 1 acto — *Ao aparelho*.

Distribuição: Sofia, Maria Luiza; Alberto, Rodrigues de Oliveira; Carlos, Domingos Ribeiro; Bernardo, criado, S. Brito Araújo. Lisboa, actualidades.

II PARTE. — A chistosa comédia em 1 acto — *Dois casamentos num só pé*.

Distribuição: Eduardo, matemático, Xavier de Carvalho; Jorge, seu amigo, Rodrigues de Oliveira; André, criado de Eduardo, Abreu Bastos; D. Amélia, viúva rica, Carmen Ferreira; Joana, sua criada, Maria Luiza. Lisboa, actualidades.

E' uma comédia que consegue manter o público numa hilariedade constante.

III PARTE. — A lindissima opereta em 1 acto, original de J. Xavier de Carvalho, ornada com 7 interessantes números de música da autoria da distinta pianista vimaranense ex.^{ma}

sr.^a D. Margarida Policarpo Teixeira — *Juramento de amor*.

Distribuição: Helder de Vasconlos, quintanista de Medicina, Rodrigues de Oliveira; Marieta Teixeira, a flor d'aldeia, Maria Luiza; Rogério Monteiro, camponês chegado do Brasil, Xavier de Carvalho; André Delgado, regedor da freguesia, S. Brito Araújo; Sôr António da Bouça, pai de Marieta, Abreu Bastos; Vergílio Pereira, empregado do regedor, Domingos Ribeiro; Tomé da Ponte, José F. Silva; Jerónimo do Moimho, M. G.; Rosinha do Quintal, Maria da L. Ferreira; Joanninha do Casal, Carmen Ferreira; Mariquinhas da Ribeira, Maria da Conceição; Aninhas do Paço, M. Judite Fernandes; Beatrizinha das Lameiras, Aurélia Guise; Francisquinha das Alminhas, Filomena Monteiro.

A cena passa-se em uma aldeia do Minho, nos arredores de Guimarães. Opereta de agrado certo e que revela nitidamente os costumes do nosso povo.

IV PARTE. — *Fim de festa*.

Um atraente Acto de Variedades, composto pelos seguintes números, assim distribuídos:

«Chuta! Chuta!», One Step, por um gentil grupo feminino; «O Mutilado», Fado, por Rodrigues de Oliveira; «Os apaches», Dueto, por Xavier e Maria Luiza; «Um monólogo», Recitativo, por Brito Araújo; «Arduas», Dueto, por Maria da Luz e M. da Conceição; «Viva a alegria!», Apoteose, por todos os componentes do Grupo.

O Grupo Cénico «Mocidade Alegre» tem a honra de dedicar ao glorioso primeiro «team» do «Vitória Sport Clube» o número — Chuta! Chuta!, que causou o maior successo no Teatro Municipal de Fonseca Moreira, da vizinha vila de Felgueiras.

Abrihantará êste espectáculo uma excelente Orquestra-Jazz, de Braga, organizada pela distinta pianista vimaranense ex.^{ma} sr.^a D. Margarida Policarpo Teixeira.

Conforme programa que já publicamos, realiza-se no próximo domingo no Salão de Festas da Escola Industrial e Commercial «Francisco d'Holanda» um Sarau em que tomam parte vários elementos do Pôrto, revertendo o produto a favor da Caixa Escolar daquele importante estabelecimento de ensino.

Neste espectáculo colabora, tambêm, a applaudida e afamada «Orquestra Vimaranesense».

O «Grupo Dramático Vimaranesense» realiza hoje, conforme programa já publicado, um atraente espectáculo no Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia.

Noticias de Guimarães

E' da autoria do nosso bom amigo e distinto colaborador Artístico sr. dr. António Rodrigues da Rocha, o interessante desenho que ilustra a capa do presente número do nosso jornal.

Aqui felicitamos aquele nosso amigo pelo seu feliz trabalho.

Noticias religiosas

No próximo dia 20 do corrente realiza-se no templo dos Santos Passos, com toda a solenidade, a festa anual em honra de Nossa Senhora dos Prazeres.

Procição de Passos

A majestosa Procição de Passos, levada a efeito pela Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, da mui digna presidência do nosso querido amigo sr. José Pinheiro, realizou-se, com toda a imponência, no passado domingo, tendo atraído a Guimarães alguns milhares de pessoas que, nas ruas do percurso, admiraram o grandioso cortejo religioso, sem dúvida alguma o mais sumptuoso que se realiza em todo o Pais. Nêle se encorporaram as Irmandades dos Santos Passos e da Misericórdia, em vistoso figurado que seguia entre as extensas alas, clero etc.

Em seus ricos andores eram conduzidas as Venerandas Imagens do Senhor dos Passos e Senhora da Soledade e, sob o Pálio, o rev. Conego Vasconcelos, que era acolitado por outros eclesiásticos, conduzia o Santo Lenho, seguindo-o o digno Provedor da Irmandade sr. José Pinheiro.

O préstio fechava com a banda dos B. V. que durante o tracto executou marchas apropriadas.

A's borlas dos grandes estandartes e às lanternas dos andores e Pálio pegavam pessoas da mais respeitabilidade e guiavam os andores os srs. drs. Adelino Ribeiro Jorge e João Rocha dos Santos.

Cumprimentamos a mesa da Irmandade dos Santos Passos pela impenção que soube imprimir àquela solenidade.

Acção Católica

Sob êste tema realizou, no domingo de Ramos, uma conferência no Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia, a convite da «Pia Associação dos Amigos do Coração de Jesus», o talentoso orador sagrado rev. dr. Leonardo de Casto, que teve a escutá-lo um auditório de cerca de 600 pessoas.

(Continua na página 10)

Ribeiro, Filho

ALFAIATE

Convida os Ex.^{mos} Clientes e amigos a visitarem a sua casa, e a examinarem os artigos de alta novidade, do sortido que recebeu para a estação de verão, com os preços marcados, do fato pronto a vestir, que tem em exposição na sua vitrine, e, além d'esses, muitos outros, que apresenta para escolher ao Largo do Conselheiro João Franco, desta cidade

O TESTAMENTO DO JUDAS

em prosa rimada ditado pelo mesmo, em Abril de 1936

Eu sou Judas, e bem sei
Que trai o meu Senhor;
Mas confesso que pequei...
— E de pensar nesse horror,
No crime que pratiquei,
Foi tão grande a minha dor,
Que em seguida me enforquei...
Eu sou o Judas, confesso,
Mas não sou Judas, tão Judas
Como muitos que conheço.

Vêde aqueles que ora passam
Pedantes pelos Toirais?!
Pelos tais trinta dinheiros
Vendiam os próprios pais.

E aquelas semi-nuas,
Eu vos digo, por ser bruxo,
Vendem a própria moral
P'ra gozarem tanto luxo.

Outros que correm p'ra os templos,
Figurando santa união,
São os que beijam Jesus
Com os beijos de traição.

Tantos Judas por í andam
Com seu coração de fei,
E sómente a mim queimais
Por ser Judas... de papel.

Mas não fiqueis admirados,
Pois da raça dos judeus,
De escribas e fariseus,
São estes tipos formados.

E, em verdade, vos digo
E vos juro pela cruz,
Que até o próprio mendigo
A's vezes vende Jesus.

E Judas Iscariotes,
Cheio de arrependimento,
Foi direito aos notários
Fazer o seu testamento

Em verso de pé quebrado,
Que eu mui absorto reli,
E com a devida vénia
Vou transcrever para aqui:

«Eu quero que me acompanhem
Alguns padres mandriões;
Que saibam pouco de rezas,
Mas saibam dar injeções.»

Pretendo caixão de luxo,
E preiro p'ró meu gênio,
Que seja feito na casa
Do meu amigo Eugénio.

A quem deixo, exigindo
Que seja p'ra ele só,
(E não dê nada ao Novais)
A rósca de pão de ló.

Que no vizinho de cima,
Lá se encontra na sacada,
E que pelo rei da Grécia
Parece foi colocada.

E mais disponho que a música
Fique até ver em Tavira,
E nas festas da cidade
Apenas se cante o Vira.

Ao Senhor António Lopes,
Lego a minha cabeleira,
— *Todavia, considerando...* —
Deixo as varas da figueira
Para que sejam prantadas,
Depois de ouvida a Estética,
— *Todavia, considerando...* —
Nos Castelos dos Almadás.

E deixo ao Doutor Ferreira
Meus ricos trinta dinheiros,
Para dar aos senhorios
P'ra compôrem os caleiros.

E ao Duque de Bragança
O que é que deixo eu?
— Até vêr, eu dou-lhe os Paços.
Um canhão e um museu.

E como o dar é meu jeito,
Eu lego a São Francisco
Umhas armas de respeito
E um terreiro sem o cisco.

E umas mulas que tenho,
Com o respectivo arreo,
Eu as deixo p'ra pucharem
A' carroça do correio.

Mas como muita bondade
Ainda meu peito encerra,
Eu lego Setenta contos
Para a Avenida da Guerra.

Também quero perguntar
Em meu fiel testamento:
— O' bom povo, em vossa terra
Também não *arre-gimento*?

Ao povo de Guimarães,
— Assim posso, mando e quero —
Não deixo uma unidade,
Apenas lhe lego... um zero.

Dou-lhe uma, dou-lhe duas,
Deu-lhe três, ou mesmo quatro,
Eu dou-lhe um só camarote
Para fazer um teatro.

Ao Machado da Avenida,
Eu lhe deixo o meu perdão,
Por comprar, mas não fundir
O histórico canhão.

Também a bem da nação,
Eu lego aos Senhores Notários,
Uma tabela que tenho,
Em que não há preços vários.

Ao Comércio de Guimarães,
Que eu leio com bom agrado,
Deixo por uma só vez
O meu postal ilustrado.

E, também, lego avenças
A Moreira e Lordelo,
Mas se vão p'ra Santo Tirso
— Quem quiser... vá lá sabê-lo.

Eu também deixo a crista
Do galo que avisou Cristo,
Quando O estavam negando,
Ao Senhor Conde de Aurora,
Porque enquanto vai chamando
Fariseus-salazaristas,
Em tam boa e feliz hora,
Assim o vai avisando.

Ao meu colega Bastinhos
Deixo um susleno de açorda,
Para comer à chinesa.
Com quem quer, menos a gorda.

Também deixo o meu leão,
Que tem calma, e é lédo.
Para a quinta da Quintão,
Visto ali não haver medo.

E ao Pedro, carpinteiro,
A casa em reconstrução,
Para entrarem os caseiros,
Quer êle queira, quer não.

Também lego ao rei da pedra,
P'ra êle se não zangar,
A minha língua... Por Deus
Lhe dar o dom de falar.

E deixo muitos penêdos
E mesmo um carro de saibro,
P'ra fazer os alicerces
Dêsse prometido bairro.

Ao Castro das Novidades,
Para que faça com que ande
A construção do Mercado,
O *numbro* da sorte grande;

E só depois, se puder
E dispuser inda de ouro,
Recomeçará de novo
A questão do Matadouro.

E ao Luciosinho Carvalho
Deixo uma saca de sais,
Para fazer sem mais mullas,
Muitas águas minerais.

Muitas peças de tecidos
Lego ao amigo Machado,
Para que venda na casa
Aonde eu era queimado.

Ao procurador Salgado,
Que me vai cá na memória,
Normas para os requerimentos
Que faz p'rá Conservatória.

O relógio da Oliveira
E' p'ró amigo Jordão,
Para guardar na «cabinete»,
Visto estar na escuridão.

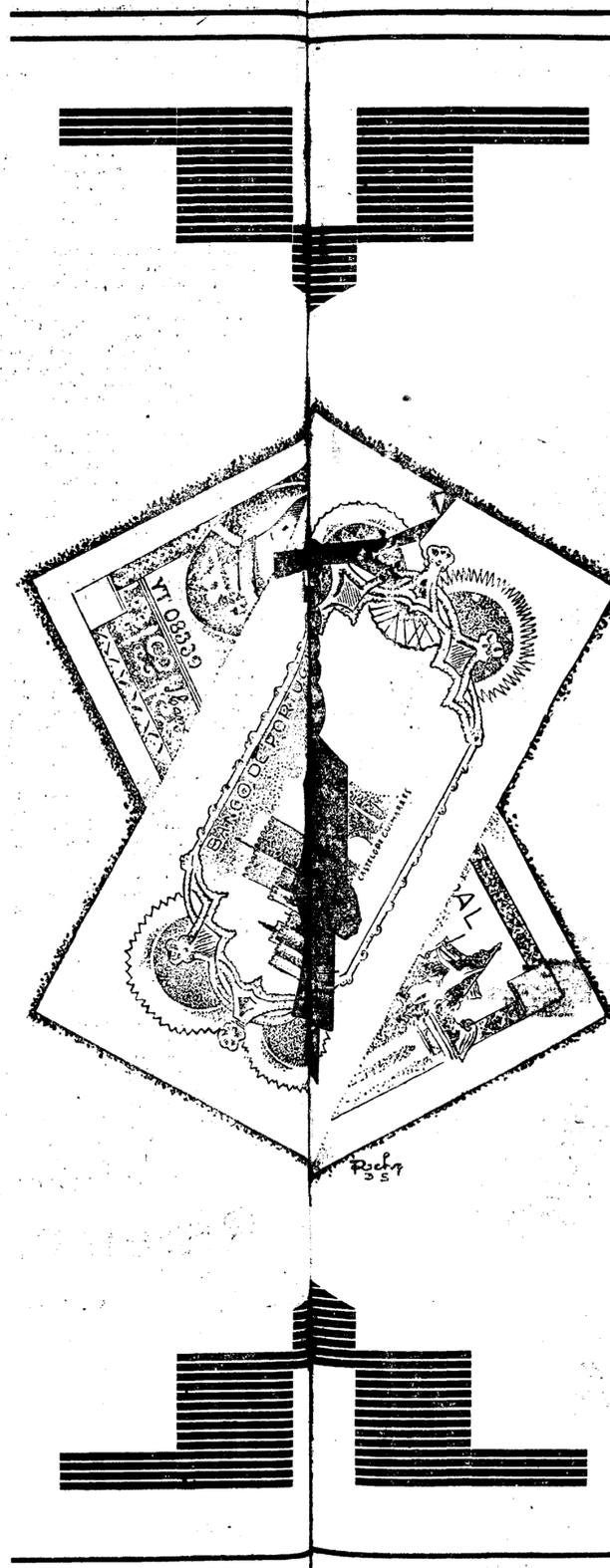
Ao colega Vinagreiro,
Eu deixo grande mesinha,
P'ra colocar no Toural
A fresca e viva sardinha.

Também, por respeito à lei,
Lego dezenas de contos
P'ra alguns dos funcionários
Pagarem maiores descontos.

E como S. Pedro teima
Em ter aberta a torneira,
Deixo um rádio que evite
Chuvas de qualquer maneira.

Lego o meu auto «Charuto»
Ao Conde de Vimioso;
Lá se é bom, eu não discuto,
Mas sei que está em bom gozo.

Ao Sport deixo um guarda,
Outro para o Oriental,
Vai outro p'rá Letitaria
E outro p'ró do Toural.



Também deixo a um *D. Juan*,
Os guisos da campanha
E meus sapatos de sola,
A' formosa Laurindinha.

E mais deixo minha ronha
A' Itália e Alemanha,
Pois Hitler e Mussolini
Já me roubaram a manha.

Ao bom Aprígio de Castro,
Eu lhe lego as minhas *mões*,
P'ra trabalhar com afínco
Nos viciosos serêdes.

E como êste meu dar
E' um antigo sistema,
Também lego ao Chico Pires
O meu perfeito cinema.

E mais deixo ao futebol
O meu bom Alberto Augusto,
P'ra quando fôr a *Leixões*
Não manquear com o susto.

Também deixo a minha opa,
Que é de boa setineta,
Para vir nas procissões,
Ao meu amigo Manêta.

E mais lego para Braga,
Por ter povo muito grato,
As bolas para jogar
Em correcto campeonato.

Por já estarem legados
Meus ricos trinta dinheiros,
O meu nariz e os óculos
São p'ró colega Barreiros.

Também lego «Carapuças»
Ao poeta dedicado
Que fez o meu testamento
Sòmente o ano passado.

E à Companhia Férrea,
Eu deixo por compaixão
O barraco da Barreira,
P'ra aumentar à Estação.

Sobrecasaca e batuta,
Dou de todo o coração,
Ao Senhor Professor Nina
Para reger o orfeão.

Ao liceu deixo dois anos
Que tenho a mais, por meu mal,
E assim ficareis tendo
Um liceu mais que central.

Ao velho João de Deus
— Professor correspondente —
Eu deixo uma guloseima
E garrafas de aguardente.

Mas com a obrigação
De perguntar ao A. Ramos:
Aonde é hoje?... O' se *tria!*...
A êste um monstro balão

Eu lhe deixo, por agora,
P'ra botar na romaria
Da Madre-de-Deus de Fóra.
E nele sobe o Milhão
P'ra perguntar a S. Pedro,
Logo à primeira vista,
Qual será a razão
De dizer-lhe: *suja a escrita*.

Lego um boneco sem braços
De quem se não sabe o pai,
Ao Doutor Ad'fino Jorge,
Junto ali do Bemlhevai.

E as minhas barbas roxas
Espontadas no barbeiro,
Eu as deixo em prestações
Ao bom Domingos Ribeiro.

Ao Patrão Bastos, bombeiro,
Eu lego as minhas agulhas,
Para quando me queimarem
Ele apagar as faúlhas.

Ao Doutor José Rodrigues
(Que queremos entre nós),
Deixo um discurso que fala
Nas costelas dos avós.

Ao Cônsul do Pevidém,
Um Vitória novo em folha,
Por ser Faria Martins
E às vezes andar de bôlha.

Ao Jerónimo Sampaio,
Visto ter piada fina,
Deixo por uma só vez
Minha capa e batina.

E ao Guimarães de Covas,
— Brasileiro muito luso —
Eu lego o meu *citroën*
Que se encontra em bom uso.

Parabéns ao aferidor
Eu lego funis da lei,
E meus pesos aferidos.
Mais tarde lhos deixarei.

E ao professor Menezes
Da Escola Comercial,
Eu lhe deixo a liberdade
De escrever neste jornal.

E dando-me por comido,
Também lego o meu charuto
Ao bom Doutor Oliveira,
Por ser fino e astuto.

À minha guitarra antiga,
Que toca bons trinadinhos,
E' p'ra o Zé Roriz tocar
No Trio dos Avozinhos.

Ao Claro da Corredoura,
Eu lhe deixo a minha enxada
Para, sachando o jardim,
Continuar com a estrada.

E ao Miranda impostôr,
Eu, Judas Iscariotes,
P'ra visitar professoras
Lhe lego os melhores capotes.

Ao povo do Pevidém,
Por ser cá do meu agrado,
Eu deixo os meus bons teares,
P'ra não ser tam desprezado.

Também deixo uma *maquette*
Cá neste meu testamento,
Ao Fraga e ao Azevedo
P'ró sabido monumento.

Também, por uma só vez,
Ao bom Filipe Coelho,
Eu lego meus bons escritos
Sôbre os Paços do Concelho.

E a minha *pelikan*,
Eu desde já mesmo opino,
Que era bem oferecida
Ao director Antonino.

Também ao gazetilheiro
Que escrevinha no jornal,
Eu deixo o meu dominó
Para que não fique mal.

Mais penas sem azorrague
Lego aos colaboradores,
P'ra azorragarem de rijo
Esses malditos traidores.

Que não contemplese amigos
Não posso por minha mente,
Mas para algum que escapasse
Fica o remanescente.

Todo êste meu legado,
Por ser a bem da nação,
Foi desde já combinado
Não pagar contribuição.

O amigo Zé Moreira
Cá me vai no pensamento,
por não me ter ajudado
A fazer o testamento.

E, agora, não me enforco...
Para que me hei-de enforcar?
Se eu os vejo por aí
Tão anchos a passear?!

.....

E o Judas, revoltado,
Pensou e julgou que bem,
Que jamais era enforcado
E nada dava a ninguém.

E, irónico, pediu,
Como tinha um terçoço,
Se havia alguém compassivo
Que assinasse a seu rôgo.

Mas todos os contemplados
Com êstes legados raros,
Se negaram a assinar...
E só assinou o

CLAROS.



DA CIDADE Do Concelho

(Continuação da 5.ª pag.)

S. Torcato, 11.

Diversas notícias

Presidiu à conferência o sr. dr. Alfredo Dias Pinheiro, secretário do Ministério e Provedor da V. O. T. de S. Francisco e da Santa Casa da Misericórdia.

Depois de apresentado, em breve discurso pelo sr. dr. Dias Pinheiro, o ilustre conferente deu início ao seu brilhante trabalho sobre a Acção Católica, à volta da qual fez interessantes considerações. Ao terminar recebeu da assistência, que era composta por pessoas de todas as camadas sociais, uma estrondosa ovacão.

Homenagem Póstuma

Projecta-se para muito breve uma grande homenagem a essa figura brilhante de Orador e Poeta, a esse Vimaranesense dum só fé, que foi o saudosíssimo Padre Gaspar Roriz.

Aplaudimos a ideia porquanto quem tanto trabalhou pela sua terra Natal, que engrandeceu com o seu privilegiado talento, merece que a sua querida memória seja prestada a justa homenagem dum cidade inteira.

Comemoração do "9 de Abril",

Promovida pela Comissão Administrativa da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e conforme programa que o *Notícias* publicou no seu último número, comemorou-se em Guimarães a data da Batalha de La-Lys.

No templo da Misericórdia foi celebrada, na quarta-feira, perante numerosa assistência, entre a qual se viam as Autoridades, pessoas de representação, antigos combatentes, etc. uma missa por alma dos Mortos da Grande Guerra, e nos dias 9 e 11, respectivamente em Vizela e nesta cidade, grupos de gentis senhoras procederam à venda do *capacete-militaria*.

Semana Santa

Os diversos templos da cidade encheram-se de fiéis na quinta e sexta-feira, assistindo às Solenidades da Semana Santa.

Todas as igrejas se encontravam profusamente iluminadas com centenas de lumes e adornadas com lindas flores.

A Procissão do Senhor «Eccle Homo» que saiu na quinta-feira à noite da Igreja da Misericórdia, visitou os templos, acompanhada por milhares de fiéis e no meio do mais religioso silêncio.

Hoje realizam-se as solenidades da Ressurreição e o tradicional «*Compasso*» em todas as freguesias do concelho.

Falecimentos

Na sua Vivenda de Gonça e em avançada idade, faleceu na quarta-feira a sr.ª D. Maria de Belém Almeida Ferreira Guimarães, viúva do saudoso comerciante desta cidade sr. Francisco da Costa Magalhães e mãe dos nossos bons amigos srs. José, Joaquim e Francisco da Costa Magalhães.

O seu cadáver foi trasladado, na sexta-feira de manhã, para o Cemitério Municipal, em cuja capela e com numerosa e selecta assistência se celebraram os seus funerais.

A toda a família enlutada e especialmente aos filhos da bondosa senhora, apresentamos sentidas condolências.

Contando 90 anos de idade, finou-se na quinta-feira a sr.ª D. Joana Maria, avó dos nossos prezados amigos srs. Manuel Joaquim da Silva, hábil guarda-livros da casa Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, e Augusto Joaquim da Silva, activo solidador encarregado, aos quais, bem como à restante família enlutada, apresentamos as nossas condolências.

O seu funeral realizou-se, com numeroso acompanhamento, na sexta-feira à tarde.

Pela «Casa dos Pobres»

Apesar das grandes dificuldades que ainda luta a «Casa dos Pobres», desta cidade,—benemérita instituição que outro fim não tem senão o de socorrer os desprotegidos da sorte, e cuja obra é já qualquer coisa de grandioso, visto socorrer diariamente muitas dezenas de famílias—e para que os seus pobres conheçam a grandiosidade da festa de família e dos cristãos, a Páscoa, vai-lhes servir neste dia uma melhorada refeição que será composta dos seguintes pratos:—sopa de grão de bico, massa e arroz; um prato de batatas guisadas com cabrito; sobremesa aletria e bem assim pão, rósca e vinho.

Bem haja a sua ilustre Direcção em se lembrar que neste dia os que nada têm, precisam de um pouco mais de carinho e protecção.

SAPATARIA LUSO GUIMARÃIS

Visite V. Ex.ª este estabelecimento para conhecer o seu vasto sortido. (89)

A Lavoura

Na cultura do milho empreguem os adubos da Sociedade de Adubos Norte, Limitada. (87)

N. tramónio metade Nítrico e metade Amoniaca.
Sulfato de amónio
Superfosfato
Fosfato Tomaz
Cal azotada
Nitrato de sódio
Fosfato alegre, etc.

Adubos Compostos
Adubos Concentrados
Niphokaium A para milho
Niphokalium B para batata

Pedidos ao Agente da Sociedade de Adubos Norte, Limitada.

João Freitas Tóres Brandão

Rua de S. Dâmaso n.º 65 a 67

GUIMARÃIS

sos prezados amigos srs. António, Manuel, José e João Baptista Sampaio e sogra do também nosso amigo sr. António Ferreira da Silva Gomes, negociante, do Pôrto.

A inditosa senhora que contava 65 anos e que reinia as mais excelentes qualidades, exercia largamente a caridade, tendo, por tal motivo, muito quem chore a sua perda irreparável.

O seu funeral, que teve lugar ontem, às 10 horas, foi uma imponente manifestação de sentimento, demonstrando, à evidência, o quanto era estimada por todos quantos com ela privavam, encontrando largamente representadas todas as classes—desde as pessoas mais humildes às de mais elevada posição social—não só das Taipas e freguesias circunvizinhas, bem como de Guimarães, Pôrto e Braga.

No préstito fúnebre em que muitas irmandades se incorporaram com as suas bandeiras, viam-se muitas coroas e *bouquets* com as mais sentidas dedicatórias de pessoas de família e das mais íntimas relações da saudosa extinta, que nos abtemos de enumerar.

No percurso foram constituídos vários turnos, sendo o primeiro e o último compostos de pessoas de família.

O cadáver, encerrado em uma luxuosa urna e transportado na carreta da Associação Fúnebre Vimaranesense, ficou inhumado em jazigo de família.

Tomou a chave do caixão o ilustre capitão de mar e guerra, ex.º sr. Carvalho Crato.

O *Notícias de Guimarães* se fez representar pelo seu correspondente nas Taipas, apresenta, a toda a família enlutada, o seu cartão de sentimentos.—C.

Cavalos sem cauda

Eis o verão que se aproxima, e com ele as moscas e outros insectos para atormentar os pobres cavalos, que a bem dizer só têm um meio de os afugentar: a cauda. Como se compreende que esse unico recurso lhes tirem aqueles homens sem caridade que para estarem na moda não se importam condenar os seus animais a um verdadeiro suplicio?

«Os pretextos inventados para justificar semelhante pratica, diz um articulista da *Petite feuille humanitaire*, são irrisorios e vão, e nunca podem contrabalançar os inconvenientes que de tão rotineira pratica resultam.»

Por mais censuravel que seja tal moda, os maiores culpados dela não são os cavaleiros, que de tais cavalos se utilizam: são os homens instruidos e sensatos, que ou os aplaudem ou os deixam tranquilamente levar a cabo as suas extravagantes ideias.

Não se occupava outro dia o sr. Paula Nogueira, ilustre lente de medicina veterinaria, da moda, que então vigorava, de cortar a cauda aos cães? Censurava-a porventura sua ex.ª? De modo algum, antes terminava o seu artigo exclamando pouco mais ou menos: «Pois que é moda cortar a cauda aos cães; corte-se!»

O comandante Thavernay mostra-se menos condescendente: acha que o costume de eliminar nos cavalos a cauda é censuravel... e censura-a,

e para melhor acentuar o que para os animais isso tem de cruel, lembra o que succede connosco ao vermo-nos perseguidos por uma só mosca.

«Esse pequeno insecto (escreve ele), tem o dom de nos exasperar com a sua incrível teimosia e provoca, ainda mesmo em certas pessoas calmas, acessos de fúria a que se não pode resistir, embora no fundo sejam grandemente ridiculos.»

«Isto não obstante possuímos o melhor de duas mãos activas e sempre infatigáveis na caça ás moscas.»

Nós entendemos que por mais alguma cousa além do bem estar do cavallo deve ser abandonada semelhante pratica; pensamos que o mesmo deve ser (essa e outras, igualmente absurdas) por uma questão de dignidade própria.

Sucederia assim no caso ainda não realizado de todos os homens se deterem uns momentos a pensar no que tem de mesquinho e deprimente para eles obedecer a imposições que em vez de virem da sua razão mais ou menos esclarecida procedem tão somente da arbitrariedade fantástica alheia?

O vestirmo-nos pode não ser uma questão de moda; e não é de facto, visto que apresenta nada menos que uma necessidade imprescindível.

A maneira de fazê-lo porém, só pode variar, subordinando-se á nossa maneira de ser, aos nossos gostos, ás nossas predilecções, mas nunca, sob pena de nos inferiorisarmos, á vontade ou ao querer alheio.

Sendo isto assim, como realmente é, mais estranho se torna que por obediencia a vontade anonima não se sabe de quem, mutilamos um ser gentil e nobre tornando-o ridiculo aos olhos de toda a gente sensata.

LUIZ LEITÃO

GRAVATAS
Colecção Páscoa
CASA DAS GRAVATAS (83)

Casimiras, as melhores, as mais baratas, as mais modernas, na FILIAL PIMENTA MACHADO (86)

Não comprem fatos sem visitarem a FILIAL PIMENTA MACHADO (86)

A FILIAL PIMENTA MACHADO é hoje a casa que mais sortido tem em casimiras. (77)

Professor com longa pratica de ensino lecciona as quatro classes do ensino primário, podendo ir aos domicilios. Informa esta Redacção. (88)

CASA PIMENTA

Rua 31 de Janeiro, 33 a 37

Telefone 180

Lanifícios, Tecidos de Algodão e Miudezas

Por junto e a retalho

Esta casa acaba de receber um enorme e variado sortido em casimiras dos mais modernos padrões para a estação do verão.

Não façam as suas compras sem visitarem esta casa, vendo o seu sortido. (81)

HOJE — Exposição de Casimiras

Sociedade de Fiação Manuel Ribeiro da Cunha, Lm.ª

Por escritura de 19 do corrente mês e ano, lavrada pelo notário da comarca de Fafe, Joaquim Nunes Campino, foi constituída uma sociedade comercial por cotas, de responsabilidade limitada, entre Manuel Ribeiro da Cunha, José Fernandes Ribeiro da Cunha e Adriano de Castro, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — Esta sociedade adopta a denominação de «Sociedade de Fiação Manuel Ribeiro da Cunha, Limitada», com sede na freguesia de S. Jorge de Selho, comarca de Guimarães, na fábrica que vai ser construída no 1.º prédio adiante mencionado.

2.º — O seu objecto é a exploração da industria de fiação e algodão, podendo ser explorado qualquer outro commercio ou ramo de industria em que os sócios acordem.

3.º — A sociedade data de hoje o seu começo; a sua duração é por tempo indeterminado, e os anos sociais serão contados pelos anos civis.

4.º — O capital social é de Esc. 200.000\$00, representado e dividido em 4 cotas, sendo uma de 170.000\$00 subscrita pelo sócio Manuel Ribeiro da Cunha, e três de 10.000\$00 cada uma, subscritas pelos sócios Bernardino Fernandes Ribeiro da Cunha, José Fernandes Ribeiro da Cunha e Adriano de Castro.

5.º — A cota do sócio Manuel Ribeiro da Cunha está realizada até á importância de 5.000\$00, valor dos terrenos adiante mencionados com que entra para a sociedade e nela põe em comum, comprometendo-se a realizar a restante importância de 165.000\$00 no prazo de 2 anos a contar de hoje. A cota de cada um dos sócios Bernardino Fernandes Ribeiro da Cunha e José Fernandes Ribeiro da Cunha é de dinheiro, comprometendo-se cada um a realizá-la no prazo de 6 meses a contar de hoje; a do sócio Adriano de Castro é em dinheiro e já está realizada.

6.º — Poderão haver prestações suplementares, quando necessárias, nos termos dos artigos 17.º e seguintes da lei de 11 de Abril de 1901, mas só quando isso for aprovado por todos os sócios em reunião expressamente convocada para tal fim.

7.º — A responsabilidade de cada sócio é limitada á importância da sua cota e á das respectivas prestações suplementares que venham a ser votadas, salvo o disposto nos artigos 15.º e 16.º da citada lei.

8.º — O sócio Manuel Ribeiro da Cunha fica desde já autorizado a ceder livremente parte da sua cota até á importância de 75.000\$00, podendo mesmo fazer a sua divisão conforme entender em cotas de 10.000\$00 e de 5.000\$00 cada uma, sem depender de qualquer deliberação da sociedade.

9.º — A sociedade será representada em Juizo e fora d'ele, activa e passivamente, por todos os sócios, que ficam sendo gerentes, os quais entre si dividirão os serviços de gerência e administração conforme entenderem.

10.º — Nos actos e documentos que envolvam responsabilidade para a sociedade, para que esta fique obrigada, é indispensavel que os mesmos actos e documentos sejam assinados por dois sócios, um dos quais será sempre o primeiro outorgante.

11.º — Anualmente será dado um balanço, que se fechará a data de 31 de Janeiro de cada ano.

12.º — Os sócios reunir-se-ão em assemblea geral ordinária de 3 em 3 meses e extraordinariamente quando qualquer deles o julgar conveniente.

13.º — As assembleas gerais extraordinárias serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com 8 dias pelo menos, de antecedencia e com designação do objecto da reunião.

14.º — As deliberações da sociedade são tomadas á pluralidade de votos correspondendo a cada cota um voto por cada 25\$00 de capital.

15.º — Na assemblea geral ordinária do 1.º trimestre de cada ano social serão discutidos e votados o Balanço Geral e a conta de Lucros e Perdas.

16.º — Para a deterioração e depreciação dos maquinismos e edificios da sociedade, serão levados a crédito da respectiva conta 10 % do seu valor total em cada ano.

17.º — Dos lucros líquidos que accusar o balanço anual, separar-se-á primeiro a percentagem de 10 % para fundo de reserva; o restante será distribuido pelos sócios na proporção de suas respectivas cotas.

14.º — As perdas, se as houver, serão suportadas pelos sócios na mesma proporção.

15.º — Pode qualquer dos sócios retirar-se da sociedade, quando lhe aprouver, sem que esse facto opere a dissolução da sociedade ou obrigue a balanço. O falecimento ou interdição de qualquer dos sócios também não opera a dissolução da sociedade nem obriga a dar balanço.

16.º — O sócio que se quiser retirar da sociedade comunicá-lo á esta, por meio de carta registada, com a antecipaçao, pelo menos, de 6 meses, reservando-se o direito de optar pela cota em primeiro lugar o sócio Manuel Ribeiro da Cunha, em segundo os sócios Bernardino Fernandes Ribeiro da Cunha e José Fernandes Ribeiro da Cunha, em partes iguais, e em último lugar a sociedade. Não usando os três referidos sócios nem a sociedade, pela ordem que fica mencionada, do direito de preferéncia, será a cota dividida pelos que a quiserem, na proporção de suas respectivas cotas.

17.º — O sócio que se quiser retirar da sociedade receberá a sua cota de capital e respectivas prestações suplementares, se as houver, a parte que lhe respeitar no fundo de reserva, a sua conta corrente e lucros, tudo de conformidade com o último balanço, devidamente aprovado, e ainda os juros da soma total destas contas desde a data em que o balanço foi fechado até á data da cessão ou alienação da respectiva cota.

18.º — O pagamento ao sócio que se retirar da sociedade, nos termos deste artigo e parágrafos que antecedem, será feito no prazo de três anos, em 6 prestações iguais vencíveis de 6 em 6 meses, mediante o juro da taxa de desconto no Banco de Portugal.

19.º — Dado o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, succederão na sua cota os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, os quais entre si nomearão um que os represente na sociedade. No caso de os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito não quererem continuar na sociedade, observar-se-á o que fica estabelecido nos §§ 1.º, 2.º e 3.º do artigo anterior.

20.º — Em caso de dissolução da sociedade, proceder-se-á á sua liquidacão pela forma que a maioria do capital social deliberar, e, depois de pago o passivo, capital social e prestações suplementares, será o restante, se o houver, dividido pelos sócios na mesma proporção em que cada um partilhar dos lucros.

21.º — Nenhum sócio poderá, seja sob que pretexto for, requerer a imposição de selos e arrolamento aos bens da sociedade.

22.º — Nenhum dos sócios poderá directamente ou indirectamente exercer commercio ou industria igual aos que a sociedade vai explorar, nem fazer parte de qualquer outra sociedade que tenha por objecto o mesmo ramo de industria, sob pena de perder a sua qualidade de sócio, ser liquidada a sua cota nos termos dos §§ 2.º e 5.º do artigo 15.º, e indemnizar a sociedade dos prejuizos causados.

23.º — Que no primeiro dos prédios adiante mencionados, com que o 1.º outorgante entra para a sociedade, será construída e instalada a fábrica onde vai ser exercida a referida industria, e no 2.º será construído um bairro operário, com casas destinadas a habitação dos operários da mesma fábrica, não podendo ser dada outra applicação aos mesmos prédios.

24.º — No primeiro prédio que vai ser mencionado continua a subsistir o direito de servidão de passagem carral, por uma faixa de terreno com a largura de 5 metros a favor de outros prédios do 1.º outorgante e da Empresa Textil do Sumes, Limitada.

Os imobiliários com que o sócio Manuel Ribeiro da Cunha entrou para a sociedade são: Um prédio formado por uma quinta parte da bouça de Sumes e por uma faixa de terreno da bouça de Lampaças, correspondente a uma décima parte. E um tracto de terreno da Bouça do Monte de Baixo, correspondente a uma quarta parte. São sitios no lugar de Sumes, freguesia de S. Jorge de Selho, Guimarães.

Fafe, 23 de Março de 1933. (86)

O Notário,

Joaquim Nunes Campino.

CONKLIN

é a caneta

que revoluciona o mercado de canetas de tinta permanente! —

Aparo "Radium" escrevendo de duas formas: fino e médio. —

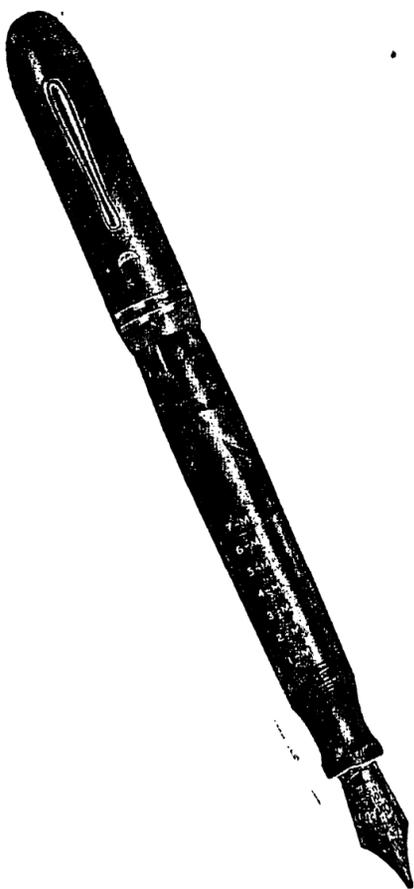
Transparente, inquebrável, com o sistema "conta palavras" patentado em todo o Mundo. —

Garantia!

Assistência permanente
nas
Officinas Conklin
Rossio, 93

Segurança!

Esta
caneta
não
causa
borrões
apesar
do seu
grande
depósito



Os bicos
das
nossas
penas
não caem,
são
seguros
como segura
é a fama
das canetas

CONKLIN

Estas afamadas canetas, produção da mais importante e antiga fábrica do Mundo, podem ser obtidas a pronto e a prestações semanais «com bonus».

Por 2\$50, 5\$00, 7\$50, 10\$00 e 15\$00 pode obter valores de 75\$00, 165\$00, 230\$00, 330\$00 e 500\$00!!!

Inscreva-se nos sorteios da CONKLIN, no agente em Guimarães

CASA DAS NOVIDADES

— DE —

Francisco Ribeiro de Castro

— GUIMARÃIS —

A QUE MORREU PARA O AMOR...

E Carlos, depois de ouvir os queixumes desalentados do amigo enamorado, recostou-se melhor no *fauteuil* e boquejando, com lentidão voluptuosa, a última fumarada do cigarro que arremessara fora, começou:

«Lamento-te, meu rapaz, mas não me surpreende a recusa dessa mulher aos teus galanteios. Só o contrário me surpreenderia.

Não é que o mistério dessa mulher seja impenetrável. Um romance de amor... e é dizer tudo.

Um romance que não passou do primeiro capítulo — mas que é admirável de coragem e de abnegação, como vais ver.

Ela namorou em tempos um rapaz de fora que aí veio abrir banca de advogado. O nome, pouco importa! Ele já não está entre nós e isto foi... espera! Talvez há cinco anos.

Era um belo moço, espírito vivo, cintilante, para quem não existiram dificuldades em vencer a resistência burguesa do meio. Privei com êle. Era o meu parceiro infalível do *bridge* à noite, no clube.

O namoro de parte a parte não era contrariado. Bem que a família dela, segundo constava, tivesse alimentado a esperança de a casar com um parente... um diabo qualquer que a família, pela conduta se viu obrigada a expatriar.

E porque estavam verdadeiramente enamorados — êle abria-se comigo, êsse favor lhe devo — não era difícil prever a lógica finalidade daquele amor.

Um dia, o meu inseparável companheiro do *bridge*, recebeu uma carta que o deixou positivamente alvoraçado. Foi como uma bomba que lhe explodisse em casa!

Essa carta, soube-o depois pela matéria nela contida, dava-lhe sobejos motivos para tal. Correu a inteirar dela a eleita do seu coração, penitenciando-se ao mesmo tempo dos autecedentes que a seu ver o incriminavam.

Contou-lhe da sua amizade e relações com uma pequena sua conterrânea, duma família vizinha de seus pais e da intimidade dêles de longa data. Rapariga interessante, mais boudade do que formosura, quasi da sua idade, com

ela brincara, folgara e rira, como dois irmãos, nos dias descuidados e felizes da meninice de ambos.

Há quanto isso lá ia! E com que saúde, a esbater-se entre amorável e risonha em seu espírito, êle se recordava dela e de si!

«Como dois irmãos», êle pelo menos, cultivando-a pela vida fora desde que as conveniências práticas da existência o afastaram do lar paterno, havia-se habituado a considerar aquela amizade como a duma irmã.

Uma vez por outra trocavam correspondência.

Nele, era o «irmão» que falava, zeloso, devotado, exuberante de carinhos e de palavras; nela... não é que êle não percebesse, através o mal contido fervor de certos períodos, o sentimento muito íntimo que os inspirava; o amor é assim, uma criança travessa: onde quer que se acoite dá sempre acôrdo de si; mas não se dava por achado; calava-se; respeitava aquele segredo balbuciente, tocado da poesia da inocência da sua amiguinha de infância — que no fundo o eternecia e fazia sorrir, longe de envaí decê-lo.

Por vezes ête, reflectindo a

frio e receando das consequências daquela miragem, estivera na disposição de pôr-lhe termo, de desiludi-la — sem prejuízo dos laços de profunda estima que lhe consagrava.

Eram ainda delicados escrúpulos de ordem sentimental que o detinham: sofre-se mais com a perda duma ilusão do que duma realidade, demais tratando-se, como se tratava, duma infeliz criatura a quem uma implacável doença ia miuando aos poucos a existência.

Era dela, precisamente, aquela carta que o revolucionara, que vinha de lançar-lhe no espírito a confusão e o assombro!

Dizia-lhe que o médico, considerando a extrema gravidade do seu estado, aconselhara os seus a prevenirem a cada momento um desenlace fatal; supplicava-lhe, num grito de alma angustioso e trágico, que fôsse para junto dela; a pobre mártir não podia resignar-se a encarar a morte sem dizer-lhe o derradeiro adeus; sem levar consigo, para o túmulo, a suprema ventura de dar-lhe o doce nome de espôso.

Uma pausa; novo cigarro, e Carlos prossegue, demoran-

do o olhar intencional no companheiro vivamente empolgado pela narrativa.

— E agora verás tu, neste lance de terceiro acto, como se houve essa mulher *desca-rroável* que hoje te faz sofrer.

— Deves partir, disse ela sem hesitar ao namorado, a vontade dum moribundo é sagrada. Tu vais, depois... ela irá para o céu e tu voltarás para mim. Confias em mim não é verdade?

Palpitavam nestas palavras, tanta firmeza de ânimo e tam elevados sentimentos de generosidade, que êle não encontrou objecções na admiração que o confundia.

...E pouco depois recebia-se a notícia do casamento, por todos considerado *in-extremis*, celebrado numa remota vilória transmontana onde os pais de ambos viviam.

Decorreu tempo e, por capricho escarninho do Destino a suposta condenada à morte melhorara consideravelmente, afastando de si a iminência da catástrofe; o médico, como tantas vezes acontece, não presumira os efeitos dum triunfo moral; o casamento reconciliara-a com a vida — que o mesmo é dizer que êle não voltava.

— E ela?

— Ela... aceitou a cruz sem queixumes. Soube ser dolorosa, sem ser ridícula. As suas lágrimas, se as teve, verteu-as em silêncio, no recolhimento da sua casa, sem que a maledicência do mundo o suspeitasse. Sómente ninguém mais a viu sorrir!

«Grande trabalho é fazer alegre rôsto quando o coração está triste» no dizer lembrado de Camões.

E aí tens tu, meu desesperançado D. Juan, o romance de amor dessa mulher excepcional que passa por ti como uma sombra, indiferente a tudo e todos, ensimesmada na sua melancolia; um romance que não passou do prólogo — mas que é admirável de coragem e de abnegação, como acabaste de ver...

MÁRIO AZENHA.

Lêde

e divulga

o «Notícias de Guimarães»

Carreira entre Guimarães e Pôrto

ESCRITÓRIO EM GUIMARÃIS:

Rua de Santo António

PARTIDAS: 8 h., 12,30 E 18,15

TELEFONE 181

No PORTO Rua do Almada

ESCRITÓRIO

Garage C. Pôrto

PARTIDAS: 8 h., 10,15 E 17

João Ferreira das Neves

Salas de Estudo "GIL VICENTE"

Autorizado pela Inspeção do Ensino Particular o seu funcionamento, nesta cidade, o certo é que êste estabelecimento de ensino tem obtido os melhores resultados pedagógicos, marcando condignamente não só o seu rigorismo disciplinar, mas provando também a necessidade da sua existência.

Rua de Camões - Guimarães

Máquinas e Acessórios

PARA:

- Fiação**
- Tecelagem**
- Gazeação**
- Mercerização**
- Tinturaria**
- Acabamentos**
- Etc. + + +**

BOBINADEIRAS e JUNTADEIRAS INGLESAS
RAPIDAS, MARCA "HOLT"

O QUE HÁ DE MAIS MODERNO E APERFEIÇOADO

Motores a óleos pesados RUSTON
OS MAIS SIMPLES — OS MAIS ECONÓMICOS

Harker, Sumner & Co.^a

223, R. José Falcão

14, L. Corpo Santo, 18

PORTO

LISBOA

CASA DOS LINHOS

Artigos de bordar e miudezas. Seção de Importação e Exportação de algodões.
+ +

Rua Fernandes Tomaz, 664

PORTO



Agentes em Guimarães:

Gomes Alves, Matos & Co.

Companhia Geral de Combustíveis

S. A. R. LIMITADA

Avenida 24 de Julho n.º 1-2.º **FILIAL NO PORTO**
LISBOA + + + + + Rua Mousinho da Silveira, 6-2.º

Telefones n.ºs 2 2361, 2 2362 e 2 2363 **Repre-** **Telefone n.º 2 683 + +**
Endereço Telegr.: COALS **sentantes** **Endereço Telegr.: COALS**
directos da firma

Guéret, Llewellyn & Merrett, Ltd., de Cardiff, e Companhias Associadas, controlando uma extracção anual de 10.000.000 toneladas de carvão

CARVÕES DAS MELHORES MINAS DE CARDIFF E NEWCASTLE apropriados para as diversas aplicações industriais e domésticas, aos melhores preços do mercado

Não comprem sem se inteirarem das vantagens que oferecemos aos nossos clientes, quer em preços, quer em qualidades e prontidão dos nossos fornecimentos. Não esqueçam que somos representantes directos das próprias Minas, vendendo sem intermediários ao consumidor!!!

CASTRO, SOUSA & Co., L.^{da}

COMISSÕES E REPRESENTAÇÕES

AGENTES DEPOSITARIOS (Norte Mondego) de:
SOCIÉTÉ ANON. ME DES MATIERES COLORANTES & PRODUITS CHIMIQUES DE SAINT DENIS

(Anilinas para todas as indústrias e produtos químicos para tinturarias)

COMPAGNIE FRANÇAISE DES EXTRAITS TINCTORIAUX ET TANNANTS DU HAVRE

CARLOS FARINHA — Lisboa

Acido acético, Taninos, Bicromatos, Lãs penteadas e em fio

AGENTES DE:

PAOLO MARIANI — Monza

Forros e tiras para chapéus

ETABLISSEMENTS IWAN VOOS-REIMS

Feltros e pastas para calçado

Extratos de Campeche
Hematínes
Sulfocinatos

Telefone 2219

Teleg.: Mimi-Porto

COD-BENTLEY-ABC 5TH

Rua

Alexandre Herculano, 233

Porto

EMPRESA INDUSTRIAL DE SANTO TIRSO, L.^{DA}

(FABRICA DO ARCO)

Fiação, tecelagem e acabamentos

SANTO TIRSO

Rua 5 de Outubro

Telegramas EMPRESA

Telefone 38



PORTO

Rua Cândido Reis, 104

Telegramas ZÉFIR

Telefone 4100



Absolvido!



Vá em paz e convença-se que um mau papel é o nosso maior inimigo. Siga o meu conselho. A experiência tem-me ensinado que o único papel de fumar que: não afecta a garganta, não altera o gosto do tabaco, não é nocivo à saúde, é o papel «Conquistador» de fórmula e invenção portuguesa, que são importadores para Portugal, Colónias e Espanha

Eduardo de Sousa, L.^{da}

146, Rua da Madeira, 150

PORTO.

Deposítários em Guimarães:
Francisco Joaquim de Freitas & Genro



Empresa Algodoeira do Castelo, L.^{da}

Lugar do Castelo

M A I A



ALGODÕES PARA

**Bordar, passajar,
alinhavar
e coser**



Fabricantes da linha de coser

Marca "AURA"

Preferida pela sua superior
qualidade

Jorge Alves de Moraes & Filho

Despachante oficial

Alfândega do Pôrto

1.ª Cabine D — Telefone n.º 899

Encarregam-se de Despachos de importação, exportação,
etc., e todas as operações concernentes
às estâncias aduaneiras

Referências completas, absolutamente idóneas

EM GUIMARÃIS:

Os Ilustríssimos Senhores

**António da Costa Guimarães, Filhos & C.ª, e
Alberto Pimenta Machado.**

Fábrica Têxtil de Vizela, Limitada

Fábrica de Fiação e Tecidos
Especializada em fios finos
marcerizados e de 2.ª

Fiações: de desperdício, média e fina.
Marcerização e gazeamento.

VIZELA



OLEOS GERM

x x
Lubri-
ficante in-
glês de pri-
meira qualidade
com a categoria de
óleo de aviação. For-
necido em várias gradua-
ções para todos os tipos de
motor de automóvel, para
instalações de força motriz e
x x maquinismos em geral x x

AGENTES:

J. P. DA Conceição, L.^{da}

Rua Mousinho da Silveira, 91

PORTO

M. Gomes Netto Júnior

Correias para transmissão, fabricadas em couro natural de
Búfalo (Inextensíveis): Durax-Búfalo e Tano-Búfalo
Fornecimento especializado de correias de trans-
missão e todos os acessórios em couro para
fiação e tecedagem + Correias Tira-Tacos,
qualidades fabricadas em couro de
Búfalo: Cromo-claro,
Nitro-Chrome Preto

**SENHORA
DA HORA**

Búfalo-Silite Chrome

a correia para braços de teares, da mais alta resistência

Agentes
depositários
e distribuidores:

Tacos para teares
+ Fornecimento de
todos os modelos normais para
algodão, sêda, lã e juta + Modelos
especiais e registados, fabricados em
couro de Búfalo-Batávia, dotados das mais
reconhecidas características de durabilidade e
resistência * * * * *

Gomes Alves, Matos & C.ª — Guimarães

LUSALITE

CHAPAS ONDULADAS para telhados

CHAPAS LISAS para tetos, tabiques, isolamentos, etc.

TUBAGENS para água, gás, etc., resistindo à pressão de 6-12
e 25 kg. por c.m.²

Fibro-cimento
nacional

TUBOS para protecção de redes subterrâneas, eléc-
tricas e telefónicas, manilhas de todas as dimensões.

Comprimento dos tubos: até 6 metros. x x

Corporação Mercantil Portuguesa, Limitada

Rua de S. Nicolau, 123 — Telef. 2 3948 e 2 8941 — LISBOA

Depositários no PORTO

Abecassis (Irmãos) Buraglos & C.ª

R. 31 de Janeiro, 15

LEGAL & GENERAL

Assurance Society, Ltd.

Companhia Inglesa de Seguros, fundada em Londres em 1836

A melhor organização e a maior carteira de seguros de

Acidentes pessoais

em Portugal.

Efectua seguros nos ramos

Incêndio, Greves e Tumultos, Quebra de Cristais, Automóveis e Responsabilidade Civil

Representada em Portugal pela

Fundos e Reservas excedem £ 33.000.000

Corporação Internacional de Seguros, S. A.

1836



Avenida dos Aliados, 38-2.º

PORTO

Telefone, 1384

Telegramas: CORPINSUR

Um século de actividade seguradora

Representantes exclusivos em Guimarães

GOMES ALVES, MATOS & C.ª

P. D. Afonso Henriques — Telefone 133

1936



I. G. Farbenindustrie Aktiengesellschaft

ANILINAS para todas as indústrias.
PRODUTOS QUIMICOS para aperfeiçoamentos têxteis, para cortumes, etc.



ANILINAS "INDANTHREN",
DE INSUPERADA SOLIDEZ, Á LAVAGEM,
Á LUZ, ÁS INTEMPÉRIES

Indanthren

Sociedade de Anilinas, L.ª

PORTO LISBOA COVILHÃ

AGÊNCIA EM GUIMARÃIS:

Amadeu C. Penaforte, Limitada

RUA DE PAIO GALVÃO

E. BRUNNER & COMP., LTD.

COMISSÕES E REPRESENTAÇÕES

FILIAL
Rua da Madalena, 128-1.º
LISBOA

SÉDE
Rua Sá da Bandeira, 283-2.º
PORTO

Representantes de:

Zuid-Afrikaansch Handelshuis (N. V.), Amsterdam
Société pour l'Industrie Chimique à Bâle (Ciba), Suissa
Durand & Huguenin S.-A., Bâle — Suisse
Société Rapidase, Séclin, França
N. V. Chemische Fabriek Servo, Holanda

Matérias corantes, produtos químicos, fermentos e produtos para acabamentos para a indústria têxtil

Société Alsacienne de Constructions Mécaniques

Máquinas para tecelagem, tinturaria, estamperia, acabamentos, etc.



Vinhos Finos e de Mesa

Recomendando o uso das nossas marcas de vinhos finos da Estremadura, não defendemos somente os nossos interesses! É que os vinhos **SCALABIS**, são de pureza e genuinidade garantidas.
SOCIEDADE DE VINHOS SCALABIS, Limitada.
Alpiarça e Aveiro (Séde).

100.000 milhas

SEM DESCARBONIZAR

SEM REPARAÇÕES

gracias a' Atlantic

A Atlantic nunca fez uma afirmação que não fosse capaz de sustentar! Assim, nós temos garantido que em modernos ensaios de laboratório se provava a mais alta resistencia da película lubrificante do MOTOR OIL ATLANTIC, e, dentro de alguns dias, todo o país terá presenciado a verdade desta afirmação.

Afirmámos que a excelencia INEGUALAVEL dos novos Motor Oils era verificada e comprovada em laboratórios e em estrada. Jornais e revistas da especialidade entrevistaram a nossa Secção de Engenharia, que lhes forneceu detalhes convincentes da justeza da publicidade feita á volta dos sucessos que nos laboratórios se verificavam.

Em estrada, o TRIUNFO foi ainda mais RETUMBANTE, pelas proporções da experiencia, pelo número de pessoas que dela tiveram conhecimento directo, pelos resultados obtidos. Em TOMS TIVER, NEW JERSEY, no dia 6 de Junho de 1935, a partida de 6 automóveis — 2 Chevrolet, 2 Plymouth e 2 Ford — para uma AUTENTICA E INSOFISMABEL Prova de Resistencia de Película, levantou, num «Bravo» de admiração, o entusiasmo daqueles que iam assistir á EXPERIENCIA MAXIMA, espontanea, vo-

luntária que a ATLANTIC ordenava que se realizasse para contraprova das suas afirmações.

Durante quasi 5 meses, esses 6 carros de série, em marcha apenas interrompida para reabastecimento, e tripulados por 22 condutores amadores, percorreram, EM ESTRADA

160.931 KILOMETROS

equivalentes a 10 ANOS de serviço á média geral de 64 quilómetros á hora, sem uma avaria, sem uma CORROSÃO!

Esta prova, a mais sensacional, que NENHUMA outra COMPANHIA produtora de GASOLINA E OLEOS LUBRIFICANTES se pode orgulhar de ter mantido, terminou no dia 30 de Outubro último, na CAMARA MUNICIPAL DE FILADELFIA, onde Mr. J. Hampton Moore, Mayor da Cidade, e a Direcção da ATLANTIC REFINING COMPANY aguardaram a chegada triunfal desses 6 testemunhos concretos da superioridade dos PRODUTOS ATLANTIC. Todos os condutores foram condecorados por Mr. Hoffman, Governador do Estado de New Jersey, pois durante esses

965.586 KILOMETROS

totais, nem um único acidente de viação deslustrou tão brilhante prova.

Dos controles de reabastecimento informam-nos:

«Consumiu-se uma média de 1 galão de GASOLINA ATLANTIC em 35,7 kms.». Usámos ATLANTIC MOTOR OIL S. A. E. 20 no começo da prova, e S. A. E. 30 depois do polimento que se verificou nalguns carros apenas aos 12.000 kms., tal é a RESISTENCIA que a PELICULA de óleo oferece ao esmagamento. O óleo era mudado aos 1.600 kms. e o consumo foi, em média, 1/4 de galão por 833 kms., aproveitando-se essa paragem para lubrificação geral do chassis.

No fim, e na presença das autoridades, removidas as cabeças dos motores, nem um apresentava sintomas de excesso de carvão, nem peças avariadas, nem desgastes anormais. Por isso, 4 dias depois, 211 JORNAIS dos Estados Unidos da América publicaram resenhas deste facto, que assim se tornou conhecido de 36 MILHÕES DE PESSOAS.

RESULTADOS

MOTOR — Nem uma única peça apresentava sinais de desgaste anormal.

SEGMENTOS — Todos perfeitos, permitindo a mesma potencia inicial.

CILINDROS — Rectos, sem calo.

CHUMACEIRAS — Cheias, como em novas.

CARVÃO — Nem uma partícula tirada durante a prova.

ACELERACÃO — Melhor do que em certos carros mal lubrificados, com 10.000 kms.

POTENCIA — Crescente, com a quilometragem feita, demonstrando uma conservação óptima.

MARCHA — Suave, como em novos, mas mais silenciosa, denotando uma melhoria no acabamento das peças.



3 vezes mais forte